



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DAYSE DE SOUZA LOURENÇO

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
TENDÊNCIAS DE REAÇÃO DE FALANTES CURITIBANOS E
LONDRINENSES**

Londrina
2015

DAYSE DE SOUZA LOURENÇO

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
TENDÊNCIAS DE REAÇÃO DE FALANTES CURITIBANOS E
LONDRINENSES**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

L892c Lourenço, Dayse de Souza.
Crenças e atitudes linguísticas : tendências de reação de falantes curitibanos
e londrinenses / Dayse de Souza Lourenço. – Londrina, 2015.
109 f. : il.

Orientador: Fabiane Cristina Altino.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual
de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Sociolinguística – Teses. 2. Atitudes linguísticas – Teses. 3. Língua
portuguesa – Variação – Curitiba (PR) – Teses. 4. Língua portuguesa – Variação
– Londrina (PR) – Teses. I. Altino, Fabiane Cristina. II. Universidade Estadual
de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90-087

DAYSE DE SOUZA LOURENÇO

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
TENDÊNCIAS DE REAÇÃO DE FALANTES CURITIBANOS E
LONDRINENSES**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline Ortelan Maia Botassini
Universidade Estadual de Maringa - UEM

Prof^ª. Dr^ª. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 23 de março de 2.015.

A minha amada e guerreira **mãe**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio e fortaleza, pelo abrigo embaixo de suas asas e por sua palavra de amor que me diz todos os dias “não temas, eu sou contigo”.

À minha amada mãe, que fez todos os esforços humanamente possíveis para que essa jornada fosse mais leve.

À minha amiga Josiane, que conhece as minhas aflições e, a cada dia, me ofereceu palavras de incentivo.

À querida Amanda que, corajosamente, me auxiliou na realização dos inquéritos.

À Glauce, a melhor parceira, que me acompanha desde os primeiros passos no mundo acadêmico.

Aos “curitibanos” Guilherme e Pedro que me socorreram na incansável busca em plena capital.

Ao Cláudio, que esteve ao meu lado o tempo todo e me ajudou de todas as formas possíveis.

Aos amigos e familiares, que compreenderam minha ausência e tornaram as lutas mais amenas.

À equipe ALiB, a qual prefiro chamar de família ALiB, pela prontidão em ajudar.

À Vanderci de Andrade Aguilera, que me recebeu em meu primeiro ano de graduação, me ensinou os primeiros, segundos, terceiros passos, com paciência e dedicação incalculáveis.

À Fabiane Cristina Altino que me aceitou como orientanda com imensa paciência e prontidão para aliviar os meus incontáveis “desesperos”.

À Jacqueline Ortelan Maia Botassini e Mendez Batista, da Universidade Estadual de Maringá, que, carinhosamente, colaboraram com a análise estatística desta pesquisa.

Aos informantes que se dispuseram a colaborar com o trabalho, sem eles, nada aconteceria.

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.”

Theodore Roosevelt

LOURENÇO, Dayse de Souza. **Crenças e atitudes linguísticas:** tendências de reação de curitibanos e londrinenses. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

O estudo de Crenças e Atitudes Linguísticas se apoia na Psicologia Social e na Sociolinguística. Segundo Moreno Fernández (1998), trata-se da manifestação da atitude social do indivíduo em relação à sua variedade e a outras. Dessa forma, compreende o fenômeno da variação linguística segundo a consciência que o usuário da língua tem diante de seu idioma ou de sua variante e revela que a forma como vê as diferentes realizações da língua atua diretamente nas relações com os seus usuários. Baseado na técnica *Matched-Guises*, ou falsos pares, desenvolvida por Lambert (1975), este estudo objetiva compreender as atitudes valorativas no que tange às crenças e atitudes linguísticas nos falantes; à percepção dos falantes em relação a sua variedade e à do outro; à presença de estereótipos; à influência da percepção linguística na atribuição de características físicas e pessoais. O *corpus* desta pesquisa é formado por 24 informantes - 12 naturais de Curitiba e 12 de Londrina - cidades com cenários linguísticos bastante diversos, uma vez que Londrina, cidade interiorana, é mais influenciada pelo sul do estado de São Paulo em detrimento de sua própria capital, Curitiba. Para tanto, foi realizada a gravação da leitura de um texto de cunho científico, expositivo e descritivo, para que seu conteúdo não influenciasse na atribuição de valores, mas apresentasse as principais marcas diferenciadoras dos dois dialetos. A leitura foi realizada por dois falantes (um natural de Curitiba e outro de Londrina) e foi submetida a 24 julgadores, sendo 12 de Curitiba e 12 de Londrina, estratificados segundo o sexo, faixa etária e escolaridade. Após a audição, transcrição e revisão, os dados foram processados com auxílio de um *software* desenvolvido por Mendez Batista (2012) que oferece percentuais e número de ocorrências. Os dados mostram que houve mais avaliações positivas que negativas e não respostas somadas, as avaliações positivas foram ligeiramente mais direcionadas ao dialeto curitibano em comparação ao dialeto londrinense, tanto por parte dos julgadores de Curitiba quanto de Londrina. As mulheres se posicionam mais que os homens ao fazer julgamentos e reagem de forma mais positiva frente às diferenças. Os informantes com escolaridade de nível fundamental atribuem mais prestígio aos falares que os de nível médio e superior. Os julgadores da faixa etária de 51 a 70 se posicionam menos que os da faixa etária de 18 a 30 anos.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Curitiba. Londrina.

LOURENÇO, Dayse de Souza. **Linguistic attitudes and beliefs: trends reaction in Curitiba and Londrina.** 109 p. Dissertation (Master degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

The study of Linguistic Behaviors and Beliefs relies on Social Psychology and Sociolinguistics. According to Moreno Fernández (1998), it is the manifestation of the social behavior of the individual in relation to its variety and others. Thus, comprises the phenomenon of language variation according to their awareness that the language user has on his or its language variant and reveals that the way we see the different realizations of the language act directly on the relationships with their users. Based on Matched-Guise technique, developed by Lambert (1975), this study aims to understand the evaluative attitudes regarding the attitudes and beliefs on language speakers; the perception of the speakers in relation to its variety and the other; the presence of stereotypes; the influence of linguistic perception in assigning physical and personal characteristics. The *corpus* of this study consists of 24 respondents - 16 from Curitiba and 16 from Londrina - cities with very different linguistic scenarios, as Londrina, provincial town, is more influenced by the southern state of São Paulo than of their own capital, Curitiba. As such, recording the reading of a text scientific, expository and descriptive paper was conducted considering that its contents are not influenced in attributing values, but present the main distinguishing marks of the two sub-dialects. The reading was performed by two speakers (one from Curitiba and other from Londrina) and was submitted to 24 judges, 12 of Curitiba and 12 of Londrina, stratified according to genre, age and scholarship. After the hearing, transcription and revise, data were processed with the aid of a software developed by Mendez Batista (2012) which offers percentage and number of occurrences. The data show that there were more positive evaluation than negative evaluation and not response added together, the positive reviews were slightly directed to Curitiba's dialect compared to Londrina's dialect, both by judges of Curitiba as much of Londrina. Women position themselves more than men when making judgments and react more positively about the differences. Informants with elementary school have attributed to speak more prestige than those of have high school and college. The judges of the age group 51-70 were positioned less than the age group 18-30.

Key words: Linguistic behaviors and beliefs. Curitiba. Londrina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Os componentes da atitude	31
Figura 2 – Relação entre crenças e atitudes	32
Figura 3 – Vista panorâmica de Curitiba	45
Figura 4 – Mapa do estado do Paraná com destaque para a cidade de Curitiba	46
Figura 5 – Vista panorâmica de Londrina.....	49
Figura 6 – Mapa do estado do Paraná com destaque para a cidade de Londrina.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Perfil dos julgadores	57
Tabela 2	– Avaliação geral dos dialetos ouvidos.....	59
Tabela 3	– Percentual de prestígio e desprestígio na avaliação dos julgadores curitibanos nas frases com características positivas	62
Tabela 4	– Prestígio e desprestígio na avaliação dos julgadores londrinenses nas frases com características positivas	65
Tabela 5	– Percentual de prestígio e desprestígio na avaliação dos julgadores curitibanos nas frases com características negativas	67
Tabela 6	– Prestígio e desprestígio na avaliação dos julgadores londrinenses nas frases com características negativas.....	69
Tabela 7	– Avaliação geral dos julgadores de Curitiba e Londrina.....	70
Tabela 8	– Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a procedência dos julgadores	72
Tabela 9	– Avaliação dos dialetos ouvidos segundo o sexo dos julgadores.....	74
Tabela 10	– Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a escolaridade dos julgadores	75
Tabela 11	– Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a faixa etária dos julgadores	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Apreciação geral das avaliações positivas, negativas e não respostas.....	58
Gráfico 2	–	Avaliação geral dos dialetos ouvidos.....	60
Gráfico 3	–	Avaliação geral dos julgadores de Curitiba e Londrina.....	70
Gráfico 4	–	Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a procedência dos julgadores.....	72
Gráfico 5	–	Avaliação dos dialetos ouvidos segundo o sexo dos julgadores.....	74
Gráfico 6	–	Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a escolaridade dos julgadores.....	75
Gráfico 7	–	Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a faixa etária dos julgadores.....	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS	14
1.2	JUSTIFICATIVA	15
1.3	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1	BREVE REVISÃO DA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA	16
2.2	PRINCÍPIOS DA SOCIOLINGUÍSTICA.....	20
2.2.1	Labov e a Sociolinguística Variacionista.....	22
2.2.2	Variação Linguística e Variáveis	23
2.3	DIALETO E SUBDIALETO	24
2.4	CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	25
2.4.1	Crenças.....	26
2.4.2	Atitudes	27
2.4.3	Revisão Bibliográfica dos Estudos Acerca de Crenças e Atitudes Linguísticas no Brasil.	34
2.5	CONCEITOS IMPORTANTES	38
2.5.1	Identidade Linguística.....	39
2.5.2	Prestígio Linguístico	40
2.5.3	Preconceito e Estigma.....	40
2.5.4	Estereótipo	41
3	LÓCUS DA PESQUISA: AS CIDADES INVESTIGADAS	43
3.1	CURITIBA	43
3.1.1	Panorama Histórico de Curitiba.....	43
3.1.2	Aspectos Gerais de Curitiba.....	45
3.1.3	Formação dos Falares da Região de Curitiba	46
3.2	LONDRINA	47
3.2.1	Panorama Histórico de Londrina	48
3.2.2	Aspectos Gerais de Londrina.....	49
3.2.3	Formação dos Falares da Região de Londrina	50

4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
4.1	CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	56
4.1.1	Representantes dos Dialectos	56
4.1.2	Informantes Avaliadores	56
5	ANÁLISE DOS DADOS	58
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	81
	ANEXOS	88
ANEXO A -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	89
ANEXO B -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	90
ANEXO C -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	91
ANEXO D -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	92
ANEXO E -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	93
ANEXO F -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	94
ANEXO G -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	95
ANEXO H -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	96
ANEXO I -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	97
ANEXO J -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	98
ANEXO L -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	99
ANEXO M -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	100
ANEXO N -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	101
ANEXO O -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	102
ANEXO P -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	103
ANEXO Q -	Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa	104
ANEXO R -	Questionário Quantitativo - Original	105

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, oficialmente, é um país monolíngue, sendo o português a língua oficial. Contudo, ao observar a realidade linguística brasileira, nota-se uma grande heterogeneidade.

A língua portuguesa no Brasil enriqueceu-se sobremaneira, ao longo desses 500 anos, devido às várias contribuições externas, como dos escravos africanos, dos imigrantes europeus e das diversas línguas indígenas que aqui existiam. A partir do século XIX, o Brasil recebeu quase cinco milhões de imigrantes, provenientes, especialmente, da Europa, entre eles alemães, poloneses, italianos, ucranianos, espanhóis, portugueses, japoneses, árabes, entre outros.

Ainda hoje, é possível encontrar falantes bilíngues, seja em área fronteiriça ou em comunidades de descendentes de imigrantes que mantiveram o uso da língua nativa, como é o caso de Laranja da Terra (ES), segundo Tressmann (s.a.), que utiliza o pomerano¹ em interações verbais de âmbito familiar e o português em contextos formais.

Segundo o relatório do Grupo de Trabalho de Diversidade Linguística do Brasil (GTDL), mais de 200 línguas são faladas no país, sendo aproximadamente 180 indígenas e cerca de 20 das comunidades de descendentes de imigrantes. O português brasileiro, portanto, é um amálgama de incontáveis interferências decorrentes dos mais diversos falares.

Nesse panorama, os falantes reconhecem a existência de diferenças entre os falares e são capazes de emitir juízos, podendo demonstrar preferência por uma em detrimento da outra, isto é, julgando as formas como de maior ou menor prestígio. Todavia, segundo Mollica (2008, p.13), “todas as manifestações linguísticas são legítimas e previsíveis”. Da mesma forma, Alkmin afirma que:

“assim como não existem línguas inferiores, não existem variedades linguísticas inferiores [...] os julgamentos sociais ante a língua – ou melhor, as atitudes sociais – se baseiam em critérios não linguísticos: são julgamentos de natureza política e social” (ALKMIN, 2005, p.42).

A reação dos indivíduos frente às variedades, a avaliação positiva ou negativa, as atribuições de estima ou preconceito, o julgamento do que é adequado ou inadequado, entre tantas outras, são fundamentadas segundo o *status* social em que o falante

¹ Língua falada pelos descendentes dos pomeranos que imigraram, em sua maioria, da Pomerânia Oriental (Hinterpommern – na época, província da Prússia), para o Espírito Santo a partir de 1859.

está inserido, pois “a avaliação de inferioridade ou de superioridade conferida a algum aspecto linguístico está associada aos valores sociais e não às características inerentes à linguagem” (LEITE, 2010, p.18). As avaliações, em especial as de inferioridade, podem, então, suscitar um fenômeno conhecido como intolerância linguística.

A intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, nas relações cotidianas, nos espaços institucionais etc. A rejeição a certas variedades linguísticas, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e de usos vocabulares, é compartilhada sem maiores conflitos pelos não especialistas em linguagem (ALKMIN, 2005, p.42).

A relação íntima entre língua e identidade é observada por meio das atitudes dos indivíduos frente às variedades e seus usuários, revelando as crenças e atitudes linguísticas. Esse contexto institui uma fonte de avaliação, estigmatização, variação e mudança dentro de uma língua (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 257). Assim, as avaliações positivas ou negativas atuam no processo de variação e mudança linguística.

Rotular os indivíduos segundo o seu falar é uma prática existente desde os primórdios e permanece até hoje. Por exemplo, no que diz respeito ao londrinense (e aos norte-paranaenses em geral), estabeleceu-se um estereótipo de que são simples, sem escolaridade, de fala descuidada e, especialmente, caipira (PASTORELLI, 2009, BOTASSINI, 2013).

Entre outros aspectos, essa crença, possivelmente, está associada ao estereótipo fixado sobre o rótico retroflexo, característico desse dialeto. Já em 1987, Head declarava que o /r/ retroflexo é “típico da pronúncia de falantes incultos de certos meios rurais no Brasil – sendo, por isso, uma variante estigmatizada, especialmente nas reações de falantes cultos dos meios urbanos” (HEAD, 1987, p. 17).

1.1 OBJETIVOS

Esta pesquisa, fundamentada nos princípios teórico-metodológicos dos estudos de Crenças e Atitudes Linguísticas, tem como principal objetivo observar e descrever as crenças e atitudes linguísticas de falantes naturais de Curitiba e Londrina frente ao próprio dialeto e ao do outro.

Para tanto, este estudo visa cumprir os seguintes objetivos específicos:

- i) observar se fatores como sexo, faixa etária e escolaridade influenciam nas reações dos falantes;
- ii) verificar se há, e em que medida, preconceito ou estigma diante do dialeto curitibano e/ou londrinense;
- iii) averiguar se há indícios de insegurança linguística.

1.2 JUSTIFICATIVA

As pesquisas existentes no ramo de Crenças e Atitudes Linguísticas no Brasil são pouco difundidas. Esse cenário encolhe as perspectivas para discussões acerca de temáticas fundamentais como a variação e mudança linguística e as relações de prestígio e desprestígio. Dessa forma, este estudo pretende preencher parte da lacuna existente a respeito desse tema, especialmente em relação às duas cidades mais importantes do estado do Paraná: Curitiba e Londrina. Os resultados poderão contribuir com futuros estudos acerca de Crenças e Atitudes Linguísticas, além de alcançar outros campos que se interessem em explorar a função social da linguagem.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação é composta por seis capítulos, além deste introdutório que traz os objetivos, a justificativa e as contribuições esperadas. O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica necessária para a compreensão do fenômeno estudado, como: breve história da Linguística; a Sociolinguística e os principais conceitos; as Crenças e Atitudes Linguísticas, além de tópicos relacionados a ela como identidade linguística, prestígio linguístico, estereótipo, preconceito e estigma. O terceiro capítulo apresenta uma breve descrição sociocultural das cidades escolhidas para as entrevistas, bem como as principais características de cada dialeto falado em cada uma. O quarto capítulo trata da amostra e da metodologia utilizada na pesquisa. O quinto capítulo expõe a análise dos dados e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo traça um panorama histórico da Linguística, das primeiras indagações sobre a língua até a preocupação com os fatores sociais e culturais a partir do surgimento da Sociolinguística. Versa sobre as variáveis e a variação linguística, bem como alguns princípios labovianos, a Sociolinguística Variacionista e conceitos de dialeto e subdialeto. A respeito de Crenças e Atitudes Linguísticas, traz definições elaboradas por estudiosos da área e apresenta a técnica denominada *matched guises*, ou falsos pares. Conta, ainda, com uma revisão bibliográfica de estudos de Crenças e Atitudes Linguísticas no Brasil e conceitos importantes como identidade linguística, prestígio linguístico, estereótipo, preconceito e estigma.

2.1 BREVE REVISÃO DA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA

As questões religiosas foram propulsoras das primeiras inquietações acerca da linguagem. Leroy (1971, p.17) relata que os hindus se preocupavam com os textos sagrados, para que não sofressem alterações enquanto fossem cantados ou recitados. Depois, gramáticos hindus se debruçaram sobre o estudo do valor e do emprego das palavras com “precisão e minúcia admiráveis” (LEROY, 1971, p.18).

As especulações dos gregos acerca de sua própria língua constituem o ponto de partida da linguística moderna. Os sofistas e os filósofos antigos discutiam se a criação da linguagem foi motivada pela natureza ou por alguma convenção, isto é, se há relação entre as palavras e sua essência, ou se todas as palavras foram criadas a partir de acordos. Havia, portanto, duas concepções: os naturalistas e os convencionalistas. Os partidários da escola ‘naturalista’, como Crátilo, cujas noções menciona Platão, atestam que “todas as palavras eram, de fato, apropriadas por natureza às coisas que elas significavam. Ainda que isso nem sempre pudesse ser evidente ao leigo” (LYONS, 1979, p.4).

Nesse meio, Aristóteles foi o primeiro a “tentar proceder a uma análise precisa da estrutura lingüística” (LEROY, 1971, p.20). Os alexandrinos aperfeiçoaram as teorias gramaticais e Dionísio de Trácia (II e I a.C.) sintetizou esse conjunto de regras em uma obra conhecida como *Téchné Grammatiké*. Discípulo dos gregos, o latino Varrão atuou na tentativa de definir a Gramática como ciência e arte (LYONS, 1979).

Na Idade Média, a Escolástica retoma o estudo da Gramática com a velha discussão sobre a oposição entre realistas – para quem as palavras são reflexos das ideias – e

nominalistas – para quem os nomes são arbitrários. Nesse mesmo período, Dante se preocupou com conceitos de dialeto, de língua literária e de língua vulgar.

A efervescência intelectual e as controvérsias teológicas que permearam o século XVI suscitaram comparações de ordem linguística e traduções dos livros sagrados em diversos dialetos. Em 1502, foi publicada a obra mais popular na Europa renascentista, o *Dictionarum* de Ambrogio Calepino. Cunha (2013, p.37) afirma que a obra de Calepino foi tão importante que se tornou sinônimo de dicionário e “encontra-se ainda em dicionários atuais, como o Houaiss (2008), esse termo definido como ‘lista ou compilação ordenada de palavras; vocabulário, dicionário, léxico’” (CUNHA, 2013, p.37).

Surgiu, então, um princípio pelo qual era possível classificar as línguas em famílias. O hebraico, por motivos religiosos, era considerado a língua primitiva a partir da qual seria possível explicar as outras línguas mesmo que, para isso, fosse necessário torturar “a forma e o sentido das palavras” para encontrar semelhanças (LEROY, 1971, p. 24).

Discípulo de Descartes, Arnauld publicou, em 1660, a *Grammaire générale et raisonnée* de Port-Royal que objetivou demonstrar que a estrutura da língua é produto da razão, parte do raciocínio à língua e as diferentes línguas são variedades de um sistema lógico e racional mais geral (LYONS, 1979, p. 18). A gramática é:

[...] a tentativa de união da pedagogia do ensino de línguas a noções de lógica que pudessem ser aplicadas a uma gramática geral. Era, afinal, na visão de seus compositores, uma gramática destinada não só aos estudiosos da linguagem, mas também às crianças e aos professores das Petit-Écoles de Port-Royal, principalmente para um estudo mais simplificado de latim e de francês, ao mesmo tempo em que inseria uma série de noções novas no estudo da gramática (POLACHINI, s.a., p.298)².

Em Alexandria, em 1777, foi criado, por Friedrich August Wolf, um movimento conhecido como filologia. Para Saussure (1995, p.7), “a língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos”. Esse estudo se ocupa, também, da história literária, costumes e instituições com método crítico, partindo da comparação de textos de diferentes épocas.

No fim do século XVIII foi descoberta, por vários linguistas independentes, a semelhança entre o sânscrito e algumas línguas da Europa e Ásia. Em 1816, Bopp, em uma

² Artigo disponível em:
http://www.academia.edu/7100968/Artigo_Revista_Confluencia_Consideracoes_sobre_o_impacto_da_Grammaire_Generale_et_Raisonnee_de_Port-Royal_1660_no_tratamento_da_sintaxe_de_gramaticas_brasileiras_do_portugues_do_seculo_XIX Acesso em: 05.ago.2014.

obra intitulada *Sistema de Conjunção do Sânscrito*, estudou as relações existentes entre o germânico, grego e latim. Entretanto, Bopp não tem “o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma” (SAUSSURE, 1995, p.8).

Desde o início vê-se surgirem, ao lado de Bopp, lingüistas eminentes: Jacob Grimm, o fundador dos estudos germânicos (sua *Gramática Alemã* foi publicada de 1822 a 1836); Pott, cujas pesquisas etimológicas colocaram uma quantidade considerável de materiais ao dispor dos linguistas; Kuhn, cujos trabalhos se ocuparam, ao mesmo tempo, da Lingüística e da Mitologia comparada; os indianistas Benfey e Aufrecht, etc. (SAUSSURE, 1995, p.9).

Além desses, é importante ressaltar a importância de Max Müller, G. Curtius e August Schleicher. Max Müller popularizou os estudos comparativos com suas conferências, Curtius conciliou a Gramática Comparada à Filologia e Schleicher comparou as línguas aos organismos naturais que, “independentemente da vontade humana, nascem, crescem e se desenvolvem segundo regras determinadas, e depois envelhecem e morrem” (LEROY, 1971, p.37).

A Linguística Comparativa é dividida por Elia (1987) em dois períodos: naturalista – subdividida em biologista e fisicalista – e culturalista. A fase inicial do naturalismo – a biologista – recebeu esse nome por ter a Biologia como inspiração, “as línguas passaram a ter árvore genealógica, a contrair parentesco (língua-mãe, línguas-filhas, línguas-irmãs), a nascer, crescer, envelhecer e morrer” (ELIA, 1987, p.9). Essa fase permaneceu de 1816 a 1870.

Em 1870 teve início a fase fisicalista na qual surgem os neogramáticos, responsáveis pelas analogias e principais pressupostos teóricos da Linguística Histórica. O nome dessa fase – fisicalista – se explica pela relação das leis fonéticas propostas nesse período com as leis da Física.

Somente em 1870 aproximadamente foi que se indagou quais seriam as condições de vida das línguas. Percebeu-se então que as correspondências que as unem não passam de um dos aspectos do fenômeno lingüístico, que a comparação não é senão um meio, um método para reconstruir os fatos (SAUSSURE, 1995, p.11).

Essa escola, no entanto, não chegou a construir verdadeiramente a Ciência da Linguística, pois, não se preocupou em determinar seu objeto de estudo e, “sem essa

operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria” (SAUSSURE, 1995, p.10).

A partir da metade do século XIX, tem início o período culturalista. Esse, conforme Elia (1987, p.10), voltado à história externa da língua em detrimento da interna. Houve a compreensão de que as relações existentes entre língua e dialeto são, “em sua grande maioria, políticas e culturais, ao invés de linguísticas” (LYONS, 1979, p.35).

O linguista franco-suíço, Gilliéron, difundiu os métodos da Geografia Linguística que se preocupa com a “repartição geográfica das formas e das palavras, bem como suas áreas de extensão, e procura traçar limites dialetais” (LEROY, 1971, p. 66). Esse momento pode ser levado até 1930, quando começam a aparecer os primeiros estudos estruturalistas.

O Estruturalismo se baseia no princípio de que “a língua é um sistema, ou, como se preferiu dizer depois, uma estrutura” (ELIA, 1987, p.11), estudando, portanto, a língua segundo a visão sincrônica, ou seja, o importante é como a língua está e não como foi. Para tanto, conforme Saussure (1995, p. 117), “o lingüista que quer compreender esse estado deve fazer tábua rasa de tudo o que produziu e ignorar a diacronia”.

Saussure, em seu *Cours de Linguistique Générale* (1995 [1916]³), traz as famosas dicotomias. Ele elege a língua, em oposição à linguagem como objeto central da Linguística. Introduz os termos diacronia – estudo da história da língua – e sincronia – estado da língua. Saussure caracterizou a linguagem como um sistema de signos. Para ele, a língua é resultante da relação entre os sons e os conceitos evocados por eles, ou seja, um sistema de relações entre o significante (forma fonética) e o significado (conceito).

Para Saussure (1995 [1916]), a língua representa concomitantemente “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1995 [1916], p.17). Salienta Saussure que o conceito de língua pressupõe a exclusão de “tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema”, ou seja, as relações da língua com elementos sociais.

Diante disso, o linguista francês Antoine Meillet (1866-1936) opôs-se ao seu mestre, Saussure, por este desconectar a variação linguística dos fatores externos. Meillet defende a natureza social da língua.

³ 1916 é a data da primeira publicação da obra.

A linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, ela é, contudo, por sua generalidade, exterior a eles (MEILLET, 1995 *apud* CALVET, 2002, p.14).

O Estruturalismo se caracteriza, também, pelo momento gerativista que se inicia com a publicação do trabalho de Noam Chomsky, *Syntactic Structures*, em 1957. Identifica uma estrutura profunda, produzida por um conjunto de regras interiorizadas pelo indivíduo falante (LEROY, 1971, p. 121). É preciso ressaltar que o Gerativismo se ocupa de um falante ideal, inserido em um contexto linguístico homogêneo e que não é afetado por fatores como perda de memória, distração, entre outros.

Nesse sentido, para Chomsky, existe uma gramática universal (GU) que consiste “num sistema de princípios, condições e regras que são elementos ou propriedades de todas as línguas humanas, não por mero acaso, mas por necessidade [...] biológica, não lógica” (CHOMSKY, 1975, p.28).

Paralelamente à corrente estruturalista, surge a Etno-Sociolinguística que dá início ao terceiro período das ciências da linguagem. Essa corrente pressupõe que a língua não deve ser vista apenas como uma estrutura, uma vez que é influenciada frequentemente por fatores externos, como psicológicos, sociológicos, antropológicos, etc.

2.2 PRINCÍPIOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA

O termo *Sociolinguística* surgiu em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), em 1964. Participaram referenciais importantes, como John Gumperz, William Labov, John Fisher e outros. Todavia, conforme assevera Alkmin (2005), já em 1963, Labov havia realizado um estudo sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, na qual destaca a influência de fatores sociais ao fenômeno da variação linguística.

Ao organizar o referido congresso e publicar os trabalhos aí apresentados, Bright escreve um texto introdutório titulado “As dimensões da Sociolinguística” que define e caracteriza a nova área de estudo que visa, portanto, “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (BRIGHT, 1974, p.17).

Bright (1974, p. 18) afirma, ainda, que a diversidade linguística está relacionada a fatores socialmente definidos, como: (i) o emissor; (ii) o receptor e (iii) o contexto. A identidade do emissor, ou falante, se refere à estratificação social. A identidade do receptor, ou ouvinte, diz respeito a quem o falante se dirige. O contexto compreende a situação, ou, até mesmo, o estilo formal e informal.

A Sociolinguística propõe demonstrar que a diversidade ou variação linguística é motivada e sistemática (BRIGHT, 1974), ao contrário da “variação livre” como explicação dada pelo Estruturalismo às diferenças constantes nos hábitos de fala.

As comunidades linguísticas apresentam um caráter heterogêneo (SILVA-CORVALÁN, 1989) e é, exatamente, a heterogeneidade da língua o objeto de estudo da Sociolinguística (BRIGHT, 1974; SILVA-CORVALÁN, 1989; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; ALKMIN, 2005; CAMACHO, 2005; MOLLICA, 2008). Assim, a Sociolinguística se preocupa com o “estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIN, 2005, p. 31).

A relação entre linguagem e sociedade é, concomitantemente, óbvia e complexa. Nas palavras de Alkmin (2005):

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua (ALKMIN, 2005, p. 21).

Dentro de toda comunidade linguística é inegável "a existência de diversidade ou da variação" (ALKMIN, 2005, p.32). Diante dessa realidade, a Sociolinguística:

Considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais (MOLLICA, 2008, p.10).

Com metodologia bem delimitada, a Sociolinguística baseia-se em pressupostos teóricos que encontram regularidade e sistematicidade por trás do fenômeno da variação, procurando demonstrar como uma variante se insere na língua ou desaparece.

2.2.1 Labov e a Sociolinguística Variacionista

William Labov é considerado o precursor dos estudos sociolinguísticos, o responsável por fixar um modelo e método de investigação linguística no contexto social, conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. De acordo com Tarallo (1986, p. 7), Labov foi “quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada”.

O primeiro trabalho de Labov, de 1963, tratou do inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts, Estados Unidos. Foi realizado a partir de observação direta, verificando a mudança sonora dentro daquela comunidade no fenômeno da posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/. Pesquisou a distribuição das variantes segundo as regiões, idades, profissões, além de considerar a atitude como uma variável independente.

O estudo apontou para a produção inconsciente do traço fonético nos moradores nativos da ilha, ficando pressuposto que o processo de mudança era movido segundo uma atitude de afirmação da identidade local em oposição ao turismo da ilha. Dessa forma, os nativos que tinham sentimentos positivos quanto à ilha usavam a variante local (mesmo que essa variante tivesse menos prestígio em relação à outra), ao passo que aqueles que apresentavam sentimentos negativos utilizavam a forma de maior prestígio.

Em 1964, Labov realiza um estudo a respeito da estratificação do inglês de Nova Iorque. Neste estudo, analisou a produção oral dos falantes considerando, além de fatores linguísticos, a influência permeada pelos fatores sociais na variação da fala. O estudo verificou o /r/ pós-vocálico (*car*, *card*, *four*, *fourth*). Foram encontradas duas variantes: [r] e [0]. A pesquisa foi realizada com funcionários de três grandes lojas de departamento de Manhattan: Sacks Fifth Avenue, Macy's e S. Klein, representando, respectivamente, níveis socioculturais diferentes, com o pressuposto de que o perfil diferenciado das lojas – preços, produtos e, conseqüentemente, clientes – atuaria diretamente no modo de falar dos empregados.

Nesse trabalho, Labov estabelece um modelo de análise do fenômeno linguístico inserido no contexto social denominado como Sociolinguística Variacionista, que analisa, além dos fatores linguísticos, a influência de fatores sociais na variação da fala. Assim, Labov observou que o fenômeno é influenciável segundo a estratificação social e/ou estilística, verificando que a variação no uso do /r/ não é arbitrária, mas sistemática.

2.2.2 Variação Linguística e Variáveis

É inegável a existência de variação linguística em todos os âmbitos da linguagem. Esse fenômeno

[...] revela que, nos diferentes níveis de uma língua (fonético-fonológico, morfossintático ou semântico-pragmático) podem coexistir diferentes formas de igual valor, passíveis de serem substituídas umas pelas outras (TASCA, 2002, p.17).

Weinreich, Labov e Herzog (2009 [1968]⁴, p.126) afirmam que “nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade”. Weinreich, Labov e Herzog (2009 [1968]) propõem que, ao lado dos aspectos internos, os fatores externos são de suma importância na compreensão dos fenômenos variáveis, atuando como responsáveis pela variação e mudança linguística.

As formas em variação são tituladas de “variantes linguísticas”, que, como afirma Tarallo (1986, p. 8), são “diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade”. O fenômeno que se deseja observar é nomeado de variável dependente, assim, por exemplo, a realização do /r/ é a variável, enquanto as formas – [0], [r], etc. – são as variantes. Além disso, há os fatores condicionadores das ocorrências dos fenômenos, conhecidos como variáveis independentes.

Há diversos fatores que motivam a variação da língua. Fatores sociais, externos à língua, como as variáveis: diassexual, diageracional, diatópica e diastrática (LÓPEZ MORALES, 1993, MORENO FERNÁNDEZ, 1998). A primeira diz respeito à maneira como os falantes de ambos os sexos, feminino e masculino, se utilizam da linguagem; a segunda se refere à idade dos falantes; a terceira, também conhecida como variação geográfica, remete às diferenças observáveis entre falantes de origens geográficas distintas; a variação social ou diastrática, por sua vez, trata de fatores de identidade do falante, bem como traços da organização sociocultural da comunidade, escolaridade e outros.

Nota-se, no entanto, que todos os fatores sociais, por mais importantes que sejam, estão sujeitos às exigências do sistema linguístico; até hoje, tem se comprovado repetidamente que fatores sociais não são tão categóricos como os gramaticais: atuam até onde o sistema permite (LÓPEZ MORALES, 1993, p.141)⁵.

Os fatores sociais, portanto, estão subordinados à estrutura da língua.

⁴ Data da primeira publicação.

⁵ Debe advertirse, sin embargo, que todos los factores sociales, por importantes que sean, están supeditados a los imperativos del sistema lingüístico; hasta la fecha se ha comprobado en repetidas ocasiones que los factores sociales no son tan categóricos como los gramaticales: actúan donde el sistema lo permite.

2.3 DIALETO E SUBDIALETO

O português falado no Brasil tem uma enorme diversidade linguística, em parte, devido à grande extensão territorial, assim como ao grande fluxo de imigrantes que se instalaram no Brasil. Os falares entre as regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste são bem distintos. Cada região carrega características próprias no que diz respeito à fala, as quais são chamadas de dialetos.

Não existe, entretanto, consenso entre os pesquisadores da área sobre o conceito de dialeto. Para Câmara Junior (2004[1956]⁶, p. 115), são “falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais”. De todo modo, os dialetos não apresentam uma hegemonia absoluta, isto é, “não oferecem [...] uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos” (CÂMARA JUNIOR, 2004[1956], p. 95). Esses são classificados, preferencialmente, segundo traços fonológicos e morfológicos. Contudo, é preciso ressaltar que os fatores extralinguísticos, de natureza psíquica, social ou política influenciam, podendo levar determinado dialeto ao patamar de língua, em alguns casos.

Borba (1973, p. 68) define dialeto como um “conjunto de particularidades que, agrupadas, dão a impressão de um falar distinto, apesar do parentesco que os une”. Para Coseriu (1982, p.11), trata-se de “uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica ou idioma”. Já Cunha (1985, p. 4) distancia dialeto de uma língua base, afirmando que “dialeto é um sistema de sinais desgarrado de uma língua viva comum, viva ou desaparecida”. E, por fim, para Chambers e Trudgill (1994, p.19), os dialetos podem “ser consideradas como subdivisões de uma língua particular”⁷.

Para compreender os mecanismos que formam e diferenciam um dialeto em relação a outro, é fundamental ter clara a noção de isoglossa, uma vez que essas fronteiras virtuais atuam diretamente na concepção dos dialetos e subdialetos.

Por isoglossa entende-se uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e conseqüentemente apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem mostrar contrastes e mostrar semelhanças linguísticas sócio-culturais (isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas) (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12).

⁶ Data da 1ª publicação.

⁷ No original: “ser considerados como subdivisiones de una lengua en particular”.

A caracterização dos dialetos e subdialetos parte da concepção das isoglossas. Ferreira e Cardoso (1994, p.16) afirmam ser “um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras”.

Em face da diversidade linguística encontrada no português falado no Brasil, é indiscutível a importância dos estudos dialetológicos, pois são responsáveis por descrever os diferentes usos de determinada língua segundo fatores diatópicos, diastráticos e cronológicos.

2.4 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Os trabalhos acerca de Crenças e Atitudes linguísticas apresentam os dois termos estreitamente imbricados, tornando difícil abordar um sem remeter, automaticamente, ao outro. Esse estudo procura, em princípio, tratar os dois termos separados, a fim de apresentar uma definição específica para cada um. Todavia, defrontou-se com o problema de as pesquisas pouco se inclinarem à definição de crenças, enquanto há várias definições para atitudes. Para tanto, este estudo utiliza referências da Psicologia Social e da Linguística Aplicada⁸.

2.4.1 Crenças

Definir crenças é um trabalho complexo, uma vez que esse termo é frequentemente utilizado em diversas áreas do conhecimento e possui diferentes definições. Os dicionários da Língua Portuguesa trazem acepções como: fé religiosa; opinião; credence; superstição; situação mental de quem acredita em alguma pessoa ou coisa; entre outros (HOUAISS, 2001; FERREIRA, 2009).

Daryl Jay Bem, psicólogo social, corrobora a ideia de que as crenças estão no eixo cognitivo, isso porque são “o produto de experiência direta” (BEM, 1973, p. 13). Para os psicólogos sociais William e Wallace Lambert (LAMBERT; LAMBERT, 1975), as crenças são componentes das atitudes, ao lado dos pensamentos, isto é, está no âmbito cognitivo ao lado da memória e raciocínio.

⁸ Por apresentarem definições específicas do conceito de crenças.

A doutora em Linguística Aplicada, Ademilde Félix (1998, p.26), aponta que as crenças são compostas por “emoções, sentimentos, percepções, avaliações subjetivas, estados de espírito, lembranças de experiências pessoais, pressuposições sobre a existência de entidades e mundos alternativos [...]” (FÉLIX, 1998, p.33). Assim, a autora define crenças como “opinião adotada com fé e convicção baseada em pressuposições e elementos afetivos que se mostram influências importantes para o modo como os indivíduos aprendem com as experiências”.

Barcelos (2001, p. 73), também da área de Linguística Aplicada, esclarece que as crenças são “ideias, opiniões e pressupostos”, formulações pessoais fundamentadas nas experiências de cada indivíduo. Apesar de serem sociais, as crenças são, também, individuais, porque cada indivíduo assimila suas experiências de forma particular (BARCELOS, 2007, p.114).

Para Barcelos (2007), as crenças não são estáticas, elas podem ser alteradas com o tempo, ou, até mesmo, dentro da mesma situação. Isso não significa que sejam construídas instantaneamente, são pautadas em fatos do passado, opiniões de pessoas consideradas importantes para o indivíduo, informações midiáticas e outros.

As crenças são vivas, construídas e reconstruídas por meio de experiências vivenciadas pelos indivíduos. Para Barcelos (2007, p.18):

[...] uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos; co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.

Há uma relação bilateral entre os indivíduos e as experiências: conforme os indivíduos interagem e alteram suas experiências, são, concomitantemente, alterados por elas, isso porque “incorporam as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais” (BARCELOS, 2007, p.114).

Para o sociolinguista William Labov (2008), as crenças são “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhados por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p.176).

Botassini (2013, p. 59) explica que “as crenças determinam o comportamento dos indivíduos, no sentido de que são elas que detêm os valores, os

juulgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros, sobre o mundo e sobre si mesma”.

2.4.2 Atitudes

A definição de atitude não é menos complexa que a de crenças. O termo está vinculado a diferentes concepções e é, muitas vezes, visto como sinônimo de “comportamento”. Os dicionários de Língua Portuguesa trazem conceitos como: porte; postura; modo de proceder ou agir; comportamento; procedimento; maneira de agir em relação à pessoa, objeto, situação; conduta, entre outros (HOUAISS, 2001; FERREIRA, 2009). Para esse trabalho, no entanto, é considerado o sentido atribuído pela Psicologia Social⁹, emprestado para a Linguística.

Até o final da década de 60, no entanto, a Psicologia Social não demonstrava interesse pelo viés sociocultural da linguagem. Atraído pelas configurações socioculturais do bilinguismo e os efeitos do comportamento bilíngue, Wallace Lambert (1967) realizou um estudo divulgado no artigo *A Social Psychology of Bilingualism* (1967). Nesse trabalho, Lambert (1967) expõe os resultados de uma pesquisa realizada por ele e um grupo de estudiosos na Universidade McGill, em Montreal. Foi utilizada a técnica denominada *matched guise*, ou “falsos pares”, no intuito de mensurar as atitudes.

[...] envolve as reações de ouvintes (referidos como juizes) a gravações de um número de falantes perfeitamente bilíngues lendo uma passagem de dois minutos uma vez em uma de suas línguas (ex.: francês) e, em seguida, uma tradução equivalente da mesma passagem em sua segunda língua (ex.: inglês). Grupos de juizes são levados a ouvir essas séries de gravações e a avaliar as características da personalidade de cada falante bem como possível, usando pistas da voz apenas¹⁰ (LAMBERT, 1967, p. 93).

Para a elaboração da pesquisa, primeiramente, foram realizadas gravações de cinco falantes bilíngues lendo o mesmo trecho de um texto duas vezes – em inglês e francês. As gravações foram apresentadas a um grupo de julgadores que deveriam avaliar as características pessoais de cada falante segundo as informações vocais e de leitura. Os

⁹ Para Lambert e Lambert (1975, p.9), a Psicologia Social é “o estudo de indivíduos em seus ambientes sociais e culturais”.

¹⁰ [...] involves the reactions of listeners (referred to as judges) to the taped recordings of a number of perfectly bilingual speakers reading a two-minute passage a tone time in one of their languages (e.g., French) and, later a translation equivalent of the same passage in their second language (e.g., English). Groups of judges are asked to listen to this series of recordings and evaluate the personality characteristics of each speaker as well as possible, using voice cues only (LAMBERT, 1967, p. 93).

juízes não tinham conhecimento de que se tratava, na verdade, das mesmas pessoas lendo o mesmo texto duas vezes.

Para a avaliação, foram observados pontos como competência que engloba inteligência, autoconfiança, ambição; integridade pessoal: sinceridade, caráter, confiabilidade; atratividade social: sociabilidade, empatia.

Labov (2008) afirma que a técnica *matched guise* é um instrumento básico largamente utilizado em estudos de reações subjetivas à linguagem. A técnica encaminhou um progresso importante na avaliação das reações sociais frente à linguagem com uma metodologia garantida, capaz de capturar, disfarçadamente, as reações dos falantes frente ao objeto em questão. Para Labov (2008, p.176):

O princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é o de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão. Essas atitudes não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre os dialetos; mas se ela disser dois conjuntos de julgamentos de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes de língua, e se não perceber que é o mesmo falante, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações.

As atitudes estão intimamente ligadas ao fator social e, dessa forma, à comunidade linguística na qual o falante está inserido passando, assim, a ser objeto de análise de linguistas, especialmente dos voltados à análise Sociolinguística que veem a linguagem como um fator social.

Os psicólogos sociais Lambert e Lambert (1975, p.100) definem atitude como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. As atitudes são compostas por pensamentos e crenças, afeição e as tendências de reação, assim, “uma atitude se forma quando tais componentes estão de tal modo inter-relacionados que as tendências de reação e os sentimentos específicos se tornam coerentemente associados ao objeto da atitude” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p.100).

Rodrigues (1972, p. 397), sintetizando a ideia de vários manuais de Psicologia Social, afirma que atitude é como “uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social¹¹ definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto”.

¹¹ Pode ser uma pessoa, grupo, situação, fato, língua, dialeto ou outros.

Para Bisinoto (2007), definir atitude linguística é uma tarefa árdua, pois não há consenso entre os estudiosos. A autora propõe o uso do termo “atitude sociolinguística”, isso porque o viés linguístico e o social se complementam nas reações dos falantes. Assim:

As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, tem a propriedade de afundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou desprestígio das formas linguísticas (BISINOTO, 2007, p.24).

É legítimo que a língua, por ser dotada de conotações sociais, seja avaliada segundo a situação social de seus usuários. Assim, as atitudes linguísticas são, comumente, reguladas pelos grupos sociais de maior prestígio, conforme assinala Aguilera (2008a). São, portanto, manifestações concretas do falante acerca da língua (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.180).

Atitude é definida como um estado interno da mentalidade do indivíduo, uma disposição mental para algumas condições ou para alguns fatos sociolinguísticos concretos; neste sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento ou ação individual (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 181)¹².

A atitude linguística é uma tendência de reação que se refere à língua e ao uso dela no seio da sociedade. E, “ao falar de ‘língua’ incluímos qualquer tipo de variedade linguística: atitudes em relação a estilos diferentes, socioletos diferentes, dialetos diferentes ou línguas naturais diferentes” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179)¹³.

Há papéis importantes exercidos pelas atitudes na construção do comportamento dos indivíduos, assim:

[...] influem em nossos juízos e percepções de outros; influem na rapidez e eficiência de nossa aprendizagem, ajudam a determinar os grupos a que nos ligamos, as profissões que finalmente escolhemos e até a filosofia que aceitamos (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p.107).

As atitudes podem ser definidas e caracterizadas segundo duas óticas: a mentalista e a comportamentalista. (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 231). A primeira caracteriza atitude como um estado de disposição mental, uma variável que atua entre um

¹² “La actitud se entiende como un estado interno del individuo, una disposición mental hacia unas condiciones o unos hechos sociolinguísticos concretos; en este sentido, la actitud sería una categoría intermedia entre un estímulo y el comportamiento o la acción individual” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).

¹³ La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de ‘lengua’ incluímos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179).

estímulo, afetando a pessoa e sua resposta a esse estímulo. Porém, o fato de a atitude não ser observável e analisável diretamente se torna um problema metodológico para essa concepção, pois compromete a seleção dos dados capazes de cumprir o objetivo de mensurar as atitudes.

A concepção comportamentalista baseia-se nas respostas de falantes diante de certas situações sociais, podendo, portanto, ser estudada diretamente por possuir um método seguro. Entretanto, não é capaz de prognosticar a conduta verbal, não podendo constituir-se em padrões sistemáticos e coerentes.

López Morales (1993) afirma que a maior parte das pesquisas linguísticas é fundamentada na perspectiva mentalista, apesar de carregar graves problemas metodológicos, uma vez que:

As definições comportamentalistas, baseadas nas respostas que os informantes dão a certas situações sociais, podem ser estudadas diretamente, sem necessidade de se recorrer a relatórios introspectivos individuais, nem sempre utilizáveis para a não investigação. Têm o grave inconveniente científico de que não preveem a conduta verbal (nem nenhuma outra) e, portanto, não podem constituir-se em padrões sistemáticos e coerentes (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 232).

Para os mentalistas, a atitude é constituída por elementos afetivos (emoções e sentimentos), cognitivos (crenças e estereótipos) e comportamentais (tendência à reação de determinado modo), enquanto que os comportamentalistas a concebem como uma unidade indivisível. Moreno Fernández (1998, p. 181) afirma que “a concepção comportamentalista interpreta a atitude como uma conduta, como uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, a uma situação ou a certas características sociolinguísticas”¹⁴.

Os mentalistas, segundo López Morales (1993, p.231), definem as atitudes como “estado de disposição, variável que intervém entre um estímulo que afeta a pessoa e sua reação a ele”¹⁵. Moreno Fernández (1998) assevera as afirmações de López Morales, contudo, complementa que, entre os estudiosos defensores da concepção mentalista, existem discordâncias a respeito das relações estabelecidas entre os componentes das atitudes.

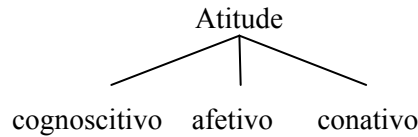
Os três componentes das atitudes são o cognoscitivo, o afetivo e o conativo (LÓPEZ MORALES, 1993). Para Lambert (1975), a constituição de uma atitude exige que esses três componentes estejam inter-relacionados de maneira que aquilo que se sente e a

¹⁴ “La concepción conductista interpreta la actitud como una conducta, como una reacción o respuesta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolingüísticas determinadas” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.181).

¹⁵ “Un estado de disposición, una variable que interviene entre um estímulo que afecta a la persona y su respuesta a él” (LÓPEZ MORALES, 1993, p.231).

forma como se reage diante de um objeto social estejam coerentemente relacionados ao modo como se pensa a respeito dele.

Figura 1 – Os componentes da atitude



Fonte: LÓPEZ MORALES, Humberto. Sociolingüística, 1993, p.233.

O componente cognoscitivo é vinculado à consciência linguística do falante e inclui, segundo López Morales (1993, p. 233), os conhecimentos do indivíduo (estereótipos, crenças) e seus valores (personalidade). Para Gómez Molina (1998, p.31), o componente cognoscitivo é o de maior importância, porque “nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes”.

É preciso conhecer o objeto social em questão para que se possa ter uma atitude em relação a ele, afinal, ninguém pode manifestar uma reação pró ou contra aquilo que não conhece. Como afirma Rodrigues (1972, p.398), “para que haja uma carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, faz-se mister que haja alguma representação cognitiva do mesmo objeto”. No entanto, pode ocorrer, ainda, de a pessoa possuir uma representação vaga ou errônea a respeito de determinado objeto social.

Quando vaga, seu afeto em relação ao objeto tenderá a ser pouco intenso; quando errônea, porém, isto em nada influirá na intensidade do afeto, o qual será consistente com a representação cognitiva que a pessoa faz do objeto, seja ela correspondente à realidade ou não (RODRIGUES, 1972, p. 398).

Rodrigues (1972), ao se referir aos estudos de Fishbein (1965), explica que as crenças e os comportamentos associados são elementos por meio dos quais é possível medir a atitude, entretanto, não são partes integrantes dela. Embora as crenças que uma pessoa possua sejam capazes de suscitar um afeto positivo ou negativo em relação a determinado objeto, não são, necessariamente, impregnadas de conotação afetiva.

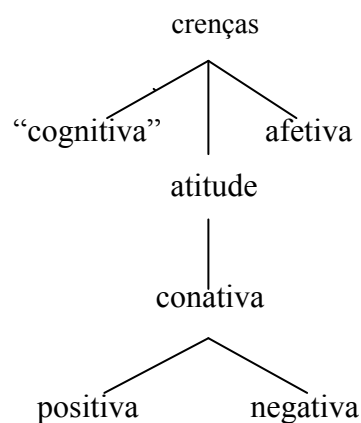
O componente afetivo abrange as emoções e sentimentos (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233). Gómez Molina (1998, p. 31) explica que está intimamente vinculado aos valores que a fala representa em uma comunidade, como: identidade, lealdade e valor simbólico. O componente afetivo diz respeito ao sentimento pró ou contra determinado objeto social.

O componente conativo, ou comportamental, refere-se à reação ou tendência à reação diante de um objeto social, isto é, “as atitudes possuem um componente ativo, instigador de comportamentos coerentes com as cognições e os afetos relativos aos objetos atitudinais” (RODRIGUES, 1972, p. 400). Refere-se às escolhas que o indivíduo faz diante do contexto, como, por exemplo, amigos, família, escola, trabalho (GÓMEZ MOLINA, 1998, p.31), atuando no comportamento do indivíduo.

Para López Morales (1993), a atitude está dominada somente pelo traço comportamental, norteadas por ações que podem ser positivas ou negativas, “uma atitude neutra é impossível de se imaginar”¹⁶ (LÓPEZ MORALES, 1993, p.235). As crenças, por sua vez, são constituídas por elementos cognitivos e/ou afetivos.

López Morales (1993, p.235) elaborou um esquema a fim de ilustrar a relação entre crenças e atitudes.

Figura 2 – Relação entre crenças e atitudes



Fonte: LÓPEZ MORALES, Humberto. Sociolingüística, 1993, p.235.

Para López Morales (1993), as atitudes são produzidas principalmente pelas crenças, mas, nem todas as crenças provocam atitudes. O autor afirma, ainda, que as crenças podem ser fundamentadas na realidade, todavia, em sua maioria não são assim motivadas. As atitudes não são inerentes ao ser humano, mas, construídas e aprendidas no processo de socialização. Lambert e Lambert (1975, p.118) explicam que “são modos aprendidos de ajustamento, ou, em outras palavras, hábitos complexos”.

Os sentimentos e as tendências de reação são adquiridos por meio da associação e da satisfação de necessidades. Assim, “aprendemos a temer e a evitar pessoas que estão associadas com acontecimentos desagradáveis e a gostar das associadas com

¹⁶ “Una actitud neutra es imposible de imaginar” (LÓPEZ MORALES, 1993, p.235).

acontecimentos que dão prazer, bem como a aproximar-se delas” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p.118).

As atitudes podem ser construídas por transferência, reorganizando ideias básicas. Como exemplo, Lambert e Lambert (1975, p.120) explicam que um indivíduo pode adotar uma atitude favorável diante dos imigrantes ao referir-se a eles como “maltratados”, “trabalhadores”, “amigos” e “alegres”. Ou, ao contrário, transferir uma atitude negativa ao referir-se a eles como “estranhos”, “não-merecedores de confiança”, “sujeitos” e “mentirosos”.

É evidente que os indivíduos não adotam todas as influências sofridas, há certa seleção nesse processo. Lambert e Lambert (1975, p. 121) explicam que “incorporamos atitudes que aparecem adequadas para a participação em grupos que consideramos importantes. Às vezes, mudamos de atitudes como meio para deixar um grupo e participar de outro”. Para Rodrigues (1972, p. 428), o “reforço e punição servem como formadores ou extintores de atitude”. Além disso, podem ser alteradas para obter mais prestígio social, para alcançar determinado objetivo, para obter vantagens ou outros.

Rodrigues (1975, p. 431) afirma que “as atitudes são passíveis de mudança”. Elas se desenvolvem diante de situações sociais e o processo pelo qual o indivíduo passa para se ajustar a elas. Nos estágios iniciais da construção das atitudes, “os componentes podem ser modificados por novas experiências” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p.101).

No entanto, sua estruturação pode:

[...] tornar-se inflexível e estereotipada, usualmente porque fomos estimulados, por longos períodos de tempo, a reagir de modo padronizado a determinados acontecimentos ou a determinados grupos. Na medida em que uma atitude se torna firmemente estabelecida, ficamos excessivamente prontos a classificar pessoas ou acontecimentos de acordo com padrões emocionalmente coloridos de pensamentos, de forma que deixamos de reconhecer individualidade ou singularidade (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p.101).

Os indivíduos não são plenamente conscientes de suas atitudes e, muito menos, da influência exercida por elas no comportamento social. A inaptidão de um indivíduo em reconhecer a motivação de tais atitudes o induz a observar pensamentos e crenças de outros, podendo aderi-los, a fim de justificar suas próprias reações.

A influência que as atitudes linguísticas exercem nos fenômenos de variação e mudança instigou os estudiosos a desenvolver técnicas para sua medição e quantificação. Contudo, essa tarefa não é fácil, uma vez que as atitudes não são diretamente analisáveis e sim, deduzidas. Assim, “as inferências indiretas sobre as atitudes exigem provas cuidadosas para verificação de sua validade – isto é, as medidas de atitudes precisam realmente apreender

o que pretendem apreender e não algum outro processo psicológico” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p.103).

A primeira forma de análise citada por Lambert e Lambert (1975, p.103) foi desenvolvida pelo sociólogo Emory Bogardus. A técnica consiste em construir situações hipotéticas ao entrevistado, por exemplo, pedir ao sujeito que se imagine em contato social com imigrantes e dizer se gostaria de tê-los como amigos, vizinhos ou se moraria no mesmo bairro. Porém, a medição de Bogardus recebeu críticas por ser incapaz de mensurar a gradação ou intensidade.

Cada linha de pesquisa apresenta diferentes metodologias, conforme assinala Moreno Fernández (1998). Os comportamentalistas utilizam técnicas de medição direta baseado no pressuposto de que a conduta do falante é capaz de ilustrar suas crenças. Já os mentalistas preocupam-se em observar o estado interno e mental dos falantes, utilizando técnicas diretas ou indiretas de medição.

As medições diretas contam com o auxílio de questionários previamente elaborados, de estrutura aberta, na qual o informante é livre para emitir a resposta que considerar mais adequada, segundo afirma Moreno Fernández (1998).

As medições indiretas mantêm o objetivo oculto ao informante, como é o caso da técnica *matched guise* de Lambert (1967). Essa técnica é bastante empregada, no entanto, segundo Moreno Fernández (1998, p.188), apresenta alguns problemas devido à artificialidade da situação, uma vez que se trata de uma entrevista.

A próxima seção apresenta uma síntese dos trabalhos acerca de Crenças e Atitudes Linguísticas realizados no Brasil.

2.4.3 Revisão Bibliográfica dos Estudos Acerca de Crenças e Atitudes Linguísticas no Brasil

Os estudos acerca de crenças e atitudes linguísticas têm aumentado consideravelmente no Brasil e estão incluídos em áreas como a Linguística Aplicada, ensino de línguas estrangeiras e Sociolinguística, enfoque deste trabalho. Nota-se, a partir desse panorama, o crescente número de trabalhos, especialmente após o ano de 2000. Um quadro apresentado por Silva-Poreli (2010) e adaptado para esta dissertação ilustra os principais estudos acerca do tema.

O primeiro trabalho registrado no país de que se tem notícia é de autoria de Andrietta Lenard (1976), cujo título é “Lealdade linguística em Rodeio – SC”. Trata-se de

uma pesquisa com os trentinos e seus descendentes no que diz respeito à manutenção da língua italiana na cidade de Rodeio, Santa Catarina. A autora verificou que, apesar de conviverem com a língua portuguesa na comunidade, os imigrantes e seus descendentes mantêm a língua de origem.

Além deste, outro trabalho pioneiro é o de Maria Isolete Pacheco Menezes Alves (1979) “Atitudes Linguísticas de nordestinos em São Paulo”. A autora constatou que os informantes escolarizados mantêm suas origens e se orgulham do fato de serem nordestinos, enquanto os informantes com nenhuma ou pouca escolaridade procuram se distanciar de suas origens e se inserir na realidade paulistana.

Como resultado de uma tese, foi publicado em 1996, por Emmanuel Santos, o trabalho titulado “Certo ou errado? Atitudes e Crenças no ensino de Língua Portuguesa”. Santos (1996) verificou que a relação ensino/aprendizagem de língua materna está vinculada aos objetivos da escola em manter a norma culta da língua.

Jânia Martins Ramos (1997) no artigo “Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque” verifica como falantes de cinco capitais brasileiras – Florianópolis, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e João Pessoa – reagem aos sotaques. Ramos (1997) observou que há rejeição do dialeto caipira nas cinco capitais, a autora afirma que “é consensual a rejeição do dialeto rural como padrão/modelo de fala no Brasil: acima de 78% em todos os estados” (RAMOS, 1997, p.108).

Em 2000, a dissertação cujo título é “Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas” foi defendida por Edileusa Gimenez Moralis, observando as atitudes linguísticas em Alto Araguaia (MT). Moralis (2000) constatou que os goianos (santaritense) e os araguienses apresentam atitudes linguísticas que os “identificam como semelhantes” (MORALIS, 2000, p. 79), entretanto, em relação ao falar do outro, se portam de maneira distinta. A pesquisadora verificou, ainda, que, com exceção dos baianos, os informantes avaliam de forma positiva o próprio falar.

Leila Salomão Jacob Bisinoto realizou o trabalho “Atitudes sociolinguísticas em Cáceres – MT: efeitos do processo migratório”, em 2000. Verificou as atitudes de cacerenses nativos e migrantes que lá estão. Bisinoto (2000) constatou que “a variedade lingüística local é estigmatizada socialmente e as formas lingüísticas estereotipadas evidenciam o enfraquecimento e prenunciam um possível desaparecimento do falar nativo” (BISINOTO, 2000, p.103). A estigmatização da fala local não parte apenas dos imigrantes, mas, também dos nativos.

Em 2002, Adriana de Oliveira Barbosa defende sua dissertação cujo título é “Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação e identidade linguística”. A pesquisadora verificou que os informantes defendem a ideia de que há uma fala característica brasileira.

Cândida Mara Brito Leite (2004) verificou o estigma social em relação ao /r/ retroflexo em estudo intitulado “Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco”. Leite (2004) verificou que todos os informantes reconhecem o estigma diante da variante retroflexa e, dessa forma, exprimem a alternância do retroflexo, optando pela aproximante alveolar por considerá-la de maior prestígio. Esse fenômeno justifica-se pela intenção de “amenizar a sua pronúncia, distanciando-se da variante mais estigmatizada, a aproximante retroflexa” (LEITE, 2004, p. 132).

Maria Cristina Zandomenighi Bergamaschi defendeu sua dissertação em 2006 sobre “Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas”. Analisou as crenças e atitudes lingüísticas em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, chamada Galópolis. Bergamaschi (2006) constatou que o estigma atrelado ao dialeto italiano está relacionado ao episódio histórico de os descendentes terem sofrido preconceito por não falarem a língua portuguesa.

Ainda em 2006, Rosely Áurea Soares Sanches defende sua dissertação “Fotografias sociolingüísticas sob a perspectiva das atitudes lingüísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero”. A autora verificou que os falantes da região são bilíngues e utilizam um falar típico da fronteira.

Em 2007, foi defendida na Unicamp a dissertação “As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade” por Rosana Gemima Amâncio. A pesquisadora verificou que os brasileiros reagem de forma negativa frente aos argentinos e não apresentam interesse em aprender o espanhol. Amâncio (2007, p.93) acredita “na hipótese da tentativa de detenção do poder através do enfraquecimento do outro e da língua do outro”.

Em 2008, Vanderci de Andrade Aguilera publicou o resultado de sua pesquisa de pós-doutorado na Espanha intitulado “Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira?”.

Em 2008, foi criado o projeto “Crenças e atitudes lingüísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato”, coordenado pela Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera, numa parceria entre pesquisadores das Universidades Estaduais do Oeste do Paraná/Unioeste, de Londrina/UEL, de Ponta Grossa/UEPG e de Maringá/UEM. O Projeto visou descrever e analisar as crenças e atitudes lingüísticas dos falantes do português,

em áreas de fronteira e de contato linguístico no Paraná, nas localidades de Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Irati e Ponta Grossa.

Botassini publicou, em 2009, um artigo intitulado “Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos”. A pesquisadora constatou que há um estigma social quanto ao uso do retroflexo por parte dos maringauenses. Os imigrantes mantiveram sua variedade de origem, o que ilustra um cenário de lealdade linguística.

Ainda em 2009, Pastorelli apresentou sua monografia “Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa?”. O estudo apontou que a variante retroflexa é lembrada como uma característica da fala, sem fazer referência a qualquer estigmatização.

Greize Alves da Silva-Poreli defendeu, em 2010, sua dissertação intitulada “Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com as línguas em contato”. O comportamento linguístico dos entrevistados não revelou atitudes estritamente negativas em relação aos diferentes falares dentro de Pranchita.

Ainda em 2010, Hélen Cristina da Silva apresentou sua monografia “Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert”. A autora constatou que os londrinenses acreditam falar mais corretamente que os pitanguenses. O fator sexo também foi significativo, pois as mulheres se mostraram mais receptivas com o próprio falar enquanto os homens demonstraram maior preconceito.

A pesquisadora Jacqueline Ortelan Maia Botassini publicou, em 2011, o artigo com o título “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu”. Botassini (2011) verificou que os informantes mantêm lealdade linguística em relação à língua nativa e apresentam certo preconceito linguístico em relação aos falantes de guarani, aos árabes e chineses.

Em 2012, Hélen Cristina da Silva publicou sua dissertação cujo título é “O /r/ caipira no triângulo mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas”. A autora verificou que o /r/ retroflexo é recoberto do estereótipo caipira, e que esse estigma não interfere, porém, na produtividade dessa variante junto aos falantes locais.

Ainda em 2012, as pesquisadoras Sanimar Busse e Aparecida Feola Sella publicaram o artigo “Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná”. As autoras observaram um “movimento de assimilação cultural” (BUSSE; SELLA,

2012, p.92), isso porque a postura dos falantes alterna, demonstrando, em algumas ocasiões, adaptação ao falar já existente e, em outras, a aceitação do estigma.

E, em 2013, foi defendida a tese de Jacqueline Ortelan Maia Botassini, “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná”. Nesse estudo, foi observado maior prestígio em relação ao dialeto gaúcho, superando a valorização atribuída ao falar carioca, enquanto, em relação a falar norte-paranaense, os dados demonstraram certa “rejeição”.

Ainda em 2013, Clarice Cristina Corbari publicou sua tese de título “Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste”. Os resultados da tese indicaram atitudes positivas dos informantes em relação às línguas e aos seus falantes em ambas as comunidades. Todavia, uma pequena parcela dos informantes demonstrou manifestações de preconceito fundamentadas por questões culturais.

2.5 CONCEITOS IMPORTANTES

Para o estudo de Crenças e Atitudes Linguísticas, faz-se necessária a compreensão de alguns conceitos fundamentais como identidade linguística, prestígio linguístico, preconceito, estigma e estereótipo. Assim, esses tópicos serão abordados sucintamente a seguir.

2.5.1 Identidade Linguística

A identidade linguística pode ser definida de forma objetiva ou subjetiva. No primeiro caso, é caracterizada segundo suas particularidades culturais, enquanto no segundo, pauta-se em como determinado grupo se diferencia dos demais ou, também, por meio do sentimento de comunidade que permeia os membros. Para Moreno Fernández (1998, p.180). é “aquilo que permite diferenciar um grupo do outro, uma etnia da outra, um povo do outro”.

A diferença é a base para a identidade, afinal, ao fazer determinada afirmação, fazem-se, concomitantemente, diversas negações. Por exemplo, ao afirmar “sou católico”, o indivíduo está também dizendo “não sou evangélico”, “não sou espírita”. Silva (2000, p.77) ressalta que a identidade e a diferença são interdependentes, pois resultam da criação linguística.

São construídas dentro do contexto de relações socioculturais e estão sujeitas às relações de poder existentes, como afirma Silva (2000, p.81) “elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas [...] estão, pois, em estreita conexão com relações de poder”.

Diante das relações de poder, cria-se um sistema de hierarquização das identidades e diferenças. Silva (2000, p. 83) explica:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença > normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras só podem ser avaliadas de forma negativa.

Woodward (2000) explica que a identidade é relacional, ou seja, a identidade de determinado grupo é construída diante da identidade de outro grupo, ela é marcada pela diferença. A partir das diferenças, os indivíduos podem ser rotulados e, assim, segregados. Como explica Woodward, “as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (2000, p.18).

O fenômeno da globalização pode agir na identidade, produzindo uma homogeneidade que acarreta o distanciamento do indivíduo em relação à sua cultura local. Esse fato pode levar, por exemplo, ao prestígio de outras manifestações linguísticas em detrimento da própria. O sujeito pode assumir identidades diferentes em um processo de construção e reformulação. Hall (2000) afirma que não é fixa, assim, o sujeito pode assumir diferentes identidades, sendo essas continuamente deslocadas.

2.5.2 Prestígio Linguístico

O prestígio linguístico pode ser algo que o indivíduo ou grupo possui e algo que confere ao outro, como define Moreno Fernández (1998, p.189) “processo de concessão de estima e respeito aos indivíduos ou aos grupos que reúnem certas características e que leva à imitação das condutas e crenças desses indivíduos ou grupos”.

A relação de prestígio não é imutável, ela varia segundo questões socioculturais, econômicas, políticas, históricas, linguísticas, como afirma Condé (1998, p.1)¹⁷ “o prestígio lingüístico está diretamente ligado ao prestígio social”.

A partir do prestígio linguístico,

se perfila a noção de *bon usage* (“uso certo”), a idéia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis (CALVET, 2002, p.68).

O prestígio linguístico concede a determinadas variedades maior valoração em comparação a outras.

2.5.3 Preconceito e Estigma

Preconceito linguístico é relacionado à atitude negativa diante de determinado grupo linguístico, assim, “esses estereótipos não se referem a línguas diferentes apenas, mas também às variantes geográficas das línguas” (CALVET, 2002, p.67). Frequentemente é direcionado a grupos com pouco ou nenhum prestígio social, a grupos diferentes daquele “que avalia” e a minorias linguísticas.

E, quaisquer que sejam as formas estigmatizadas, rejeitadas, classificadas como ilegítimas (em nome dos critérios de prestígio, de classes sociais, de anormalidade congênita etc.), elas o são por referência a uma forma tida como legítima (CALVET, 2002, p.77).

O preconceito resulta da “ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica” (BAGNO, 2007, p.13) que defendem a norma culta como a mais adequada forma de expressão. Assim, as variedades que não se encaixam nessa forma prestigiada são consideradas inferiores.

O termo estigma é vinculado às marcas feitas pelos gregos com fogo ou cortes nos escravos, traidores ou criminosos para que fosse possível distingui-los, conta Frosi, Faggion e Dal Corno (2010). Atualmente, essas marcas são feitas por meio de rótulos, colocando à margem os indivíduos ou grupos.

Para Bergamaschi (2006, p.46), “o estigma vai além do preconceito, é mais forte, mais inibidor. Este termo remete a atitudes negativas, que marcam o estigmatizado para o resto da vida”. Como afirma Goffman (1988, p.13), o termo é “usado em referência a um

¹⁷ Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais_173.html Acesso em: 22.ago.2014.

atributo profundamente depreciativo”. O estigmatizado é marginalizado, visto como inferior dentro do contexto e inapto para aceitação social.

2.5.4 Estereótipo

Para Labov (2008, p.360), estereótipos “são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade”. Esse fenômeno parte de julgamentos acerca do outro segundo as crenças e conhecimentos que o indivíduo possui. Estereótipo pode ser compreendido como uma generalização desfavorável e simplista a respeito de determinado grupo.

[...] as generalizações nem sempre são verdadeiras em todos os casos além daquele conjunto de experiências nas quais se baseiam. Quando um indivíduo considera tais generalizações como se fossem verdades universais, geralmente as denominamos de estereótipos (BEM, 1973, p.18).

O estereótipo é “fundado em uma estrutura ambivalente tripla: essa estrutura tripla é composta por elementos cognitivos, emocionais e conativos”¹⁸ (ORSI, 2008, p.3), fundamentadas, normalmente, em impressões. Dessa forma, um estereótipo é “uma associação consciente de um recurso linguístico com um recurso não-linguístico” (SILVA-CORVALÁN, 2001, p.67)¹⁹, como, por exemplo, a associação do /r/ retroflexo à fala caipira e às palavras ditas “pela metade” ao falar mineiro.

¹⁸ “el estereotipo se cimienta sobre una triple estructura ambivalente: la triple estructuración la proveen los elementos cognitivos, emotivos y conativos” (ORSI, 2008, p.3).

¹⁹ “la asociación consciente de un rasgo lingüístico con una característica no lingüística” (SILVA CORVALÁN, 2001, p.63)

3 LÓCUS DA PESQUISA: AS CIDADES INVESTIGADAS

Para compreender a seleção das cidades como lócus, é importante observar o panorama histórico e a situação social de cada cidade escolhida.

3.1 CURITIBA

A etimologia da palavra Curitiba é controversa, como afirma Ferreira (2006, p.99). O autor cita o estudo de Antenor Nascentes que traz a origem do termo tupi *ku'ri* (pinheiro, pinhão) + *tüba* (muito). Nos primórdios, as terras onde hoje se localiza Curitiba apresentavam grande quantidade de Araucária *angustifolia*, essa realidade pode ter motivado a escolha do nome.

Dicionaristas como Orlando Bordoni, Luiz Caldas Tibiriçá, Silveira Bueno e Teodoro Sampaio expõem pequenas variações, como: *curi-tyba* (abundância de pinheiros, pinheiral). O pesquisador Mário Arnald Sampaio explica que o termo vem do guarani puro, *kuri'yty*, corruptela de *kuri'yndy* (pinheiral).

Fernando Martins (s.a.) afirma que, durante séculos, a denominação da capital teve dupla grafia amplamente usada: Curitiba e Coritiba. Ressalta-se, dessa forma, que *Corityba* é formada por *core* (porco) + *tyba* (muito). Contudo, Martins (s.a.), fundamentado em dados de Fernando Straube, defende a motivação da escolha do nome Curitiba pela presença das araucárias. Straube explica que os colonizadores poderiam confundir os sons de /o/ e /u/ ao grafar e enfoca o fato de *core* designar porcos domésticos, trazidos pelo homem branco²⁰.

A atual ortografia, Curitiba, foi oficialmente estabelecida por meio de Decreto-Lei, assinado em 1919, pelo Presidente do Estado do Paraná Affonso Alves de Camargo.

3.1.1 Panorama Histórico de Curitiba

Os índios Tinguis, do tronco-linguístico tupi-guarani, dominavam a região dos Campos Gerais e atuaram como serviçais das explorações na região (MARTINS, 1995a, p. 31). Os bandeirantes, impulsionados pelo ciclo do ouro, vieram e trouxeram outros índios,

²⁰ Dados extraídos do site <http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=872962>.

como afirma Martins (1995, p.188b) “uns iludidos e outros escravizados”. Os caraíbas foram seduzidos pelo ouro. Veio, também, o núcleo formador, responsável pelas sesmarias e por legitimar as posses das minas de ouro.

Em 29 de março de 1693, o capitão-povoador Matheus Martins promoveu a primeira eleição para a Câmara de Vereadores que concedeu ao povoado o *status* de Vila, como exigiam as Ordenações Portuguesas. A população da Vila era composta por agricultores, criadores de gado e pessoas que recebiam terras das colônias espanholas. A Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais passou a ser chamada de Curitiba em 1721, com a visita do ouvidor Raphael Pires Pardino.

A partir de 1812, a população cresceu significativamente com o tropeirismo motivado pela pecuária. O percurso entre Viamão, no Rio Grande do Sul, e a Feira de Sorocaba, em São Paulo, exigia que os tropeiros passassem pelos “campos de Curitiba”. Devido às dificuldades climáticas, as fazendas se tornavam parada estratégica àqueles que precisavam aguardar a melhora do tempo para dar continuidade à viagem. Esse tempo de permanência contribuiu para a formação de povoados, pois a estrada dos tropeiros servia como eixo para o crescimento das povoações.

Em 1842, a vila foi elevada à categoria de cidade, em 1853, foi conquistada a emancipação do Paraná e Curitiba tornou-se, então, a capital do Estado. Nessa época, a população contava com 5.819 habitantes, duplicando a cada vinte anos. Imigrantes alemães, franceses, suíços, poloneses, italianos, japoneses, ucranianos, sírios e libaneses, além dos escravos negros, impulsionaram o crescimento populacional da cidade, influenciando os hábitos locais.

Rosa (2012, p. 71) explica que Curitiba passou por um surto de crescimento populacional, atingindo uma população de aproximadamente 180.575 habitantes. Nos anos de 1940/1950, a taxa de crescimento urbano alcançou a média de 7,1%, motivada pela expansão da fronteira agrícola do Estado, atraindo migrantes de outros estados, como paulistas, gaúchos, mineiros, nordestinos, enfim, brasileiros de todas as localidades.

Figura 3 - Vista panorâmica de Curitiba



Fonte: Disponível em: <http://www.viagempedia.com/viagem-curitiba> Acesso em: 27.out.2014.

3.1.2 Aspectos Gerais de Curitiba

A capital do Estado do Paraná é formada, atualmente, por oito distritos urbanos: Portão, Cidade Industrial, Pinheirinho, Bairro Novo, Cajuru, Boqueirão, Boa Vista e Santa Felicidade. Suas cidades limítrofes são Almirante Tamandaré, Colombo, Pinhais, São José dos Pinhais, Fazenda Rio Grande, Araucária, Campo Largo e Campo Magro.

Segundo o IBGE (2010), Curitiba conta com 1.751.907 habitantes, sua unidade territorial é de 435,036 km² e o IDHM – índice de desenvolvimento humano municipal – de 0,823.

O município, centro econômico do estado, é considerado uma das melhores cidades do país para negócios. Altamente tecnológica e industrializada, não conta com atividades agroindustriais para movimentar sua economia. Apresenta ampla rede de pré-escolas, escolas de ensino fundamental e médio, além de importantes instituições de ensino superior como Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Curitiba tem, ainda, um dos principais aeroportos do Brasil; um sistema de transporte público considerado um dos melhores do país; museus, teatros, cinemas, *shoppings*, estádios, parques, bares e uma imensidão de opções para lazer. Dentre a população, 1.088.307 se dizem católicos, 424.628 evangélicos e 48.471 espíritas.

A figura 4 ilustra a localização do município de Curitiba no estado do Paraná.

Figura 4 – Mapa do estado do Paraná com destaque para a cidade de Curitiba



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parana_Municip_Curitiba.svg Acesso em: 25.jan.2014

3.1.3 Formação dos Falares da Região de Curitiba

As pesquisas linguísticas apresentadas nesta seção apontam para um dialeto curitibano com características marcantes que vão desde o acervo lexical, prosódia até os traços fonéticos. Dentre os traços fonéticos, os mais marcantes são a predominância do tepe em coda interna, com a inserção gradativa do /r/ retroflexo, e o não alçamento da vogal átona final, fenômeno restrito às cidades do Rio Grande do Sul e algumas do Sul do Paraná.

A variante tepe, ou vibrante simples, se caracteriza por se articular com uma única batida rápida da ponta da língua em direção aos alvéolos dos dentes incisivos, motivando uma rápida obstrução da passagem da corrente do ar através da boca (CRISTÓFARO SILVA, 2009; CAGLIARI, 2009).

O tepe, na língua portuguesa, pode ocorrer:

- entre uma oclusiva ou uma fricativa labiodental e uma vogal (prato [p**R**atU], cravo [k**R**avU], fresta [f**R**Estâ], livro [liv**R**U]);
- entre duas vogais (Paraná [pa**R**a'na], barato [ba'**R**atU]);

- e, em alguns dialetos, em coda de sílaba (porta ['pçRtã], vermelho [veR'meYU], amor [a'moR]).

O Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 2009) demonstra que o tepe é categórico em Guaíra, Marechal Cândido Rondon, mesorregião²¹ Oeste²²; Capanema, Barracão, mesorregião Sudoeste²³; Curitiba e mesorregião metropolitana de Curitiba²⁴. Essa variante coocorre com o retroflexo na cidade de Dois Vizinhos. Aguilera (2009) atesta que, nos demais pontos do estado do Paraná, a variante predominante é a retroflexa.

Além da predominância do tepe, outro traço característico do falar curitibano é o não alçamento das vogais médias postônicas finais, como em [ˌlejte'ke]te]. No entanto, essa marca está perdendo sua força nos falantes mais jovens. Segundo Dubiela (2013, p.63), “não foi encontrada uma produção muito intensa de [e] em posição átona final, mas sim uma vogal reduzida que mais se assemelha a um [i] do que a um [e]”. As vogais postônicas são reduzidas em relação às tônicas, significa que, segundo Aquino (1997, p. 72), “as vogais pós-tônicas são mais curtas do que as tônicas”.

No trabalho de Silva (2009, p.45), *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*, verifica-se que, nas regiões de colonização italiana e alemã, o alçamento das vogais médias átonas finais pode não ocorrer. Essa realidade se compara à curitibana, pois uma grande parcela de imigrantes que chegou a Curitiba no século XIX é de alemães e italianos que podem ter influenciado o não alçamento das vogais médias finais átonas.

3.2 LONDRINA

O nome Londrina é uma homenagem a Londres, local de instalação da matriz da Paraná *Plantations*, empresa acionista da CTNP, como afirma Ferreira (2006, p. 172).

²¹ O Estado do Paraná compreende dez mesorregiões geográficas: 1. Noroeste; 2. Centro-Ocidental; 3. Norte Central; 4. Norte Pioneiro; 5. Centro-Oriental; 6. Oeste; 7. Sudoeste; 8. Centro-Sul; 9. Sudeste; 10. Metropolitana de Curitiba.

²² O Atlas Linguístico do Paraná conta com dados de Assis Chateaubriand, Guaíra, Cascavel, Foz do Iguaçu, Guaraniaçu e Marechal Cândido Rondon, referentes à mesorregião Oeste do Paraná.

²³ O Atlas Linguístico do Paraná conta com dados de Capanema, Barracão, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão e Pato Branco, referentes à mesorregião Sudoeste do Paraná.

²⁴ O Atlas Linguístico do Paraná conta com dados de Curitiba, Adrianópolis, Cerro Azul, Rio Branco do Sul, Guaratuba, Paranaguá e Lapa, referentes à mesorregião metropolitana de Curitiba.

3.2.1 Panorama Histórico de Londrina

Antes da colonização extensiva do Norte do Paraná, havia, entre seus habitantes, além dos índios Caingangues, uma população pobre instalada na floresta e responsável por derrubar parte dela para sua subsistência. Em 1929, com a chegada de imigrantes japoneses e alemães provenientes de São Paulo e agenciados pela Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), tem início o patrimônio, até então denominado Três Bocas.

A companhia foi responsável pelo povoamento das regiões Norte e Noroeste do estado do Paraná, atraída pela terra extremamente fértil encontrada na região. Essa terra atraiu também migrantes de Minas Gerais, São Paulo e Nordeste por ser favorável à produção cafeeira.

Em 1932, o patrimônio Três Bocas passa a ser denominado Londrina. No ano de 1934, em três de dezembro, por meio do Decreto-Lei 1.519 assinado pelo interventor Manoel Ribas, foi criado o município de Londrina, segundo relata Coutinho (1959, p.6).

Em meados de 40, houve grande expansão na área comercial impulsionada pela chegada de empresas paulistas (alimentícia, armazéns, atacadistas) motivando a implantação de melhorias como a construção de escolas, galerias pluviais e elaboração do plano urbanístico.

Em 1938, o município contava com 30.000 habitantes, assevera Aguilera (1987, p.39). A autora menciona um relatório de 1935 da CTNP, publicado na Folha de Londrina²⁵, que registra a origem dos compradores dos lotes. Dos 3.428 proprietários, 63% eram estrangeiros, entre eles, alemães, italianos, japoneses, espanhóis, portugueses. Na década seguinte, o crescimento demográfico do município foi intensificado pela produção cafeeira, saltando de 30.000 para 75.000 habitantes.

Nos anos 70, o município já contava com 230.000 habitantes e apresentava grande desenvolvimento como a exportação agrícola e centros industriais, além de melhorias como pavimentação, sistema de água e esgoto e construção da Universidade Estadual de Londrina. Na década de 80, voltou-se para o planejamento urbano com modificações como a retirada da ferrovia do centro da cidade e a criação de vias expressas e o Terminal Urbano.

²⁵ Publicado em 29/04/1975 por Antônio Magalhães.

Na década de 90, a cidade foi, definitivamente, efetivada como a terceira maior cidade do Sul do Brasil, alavancada por seus prédios e construções civis. É considerada a capital do Norte paranaense, conhecida como cidade dos pés vermelhos e capital do café.

Segundo o IBGE (2010), os principais grupos imigratórios de Londrina são italianos, seguidos por portugueses, japoneses, alemães e espanhóis. Outros grupos imigratórios menores são os árabes, poloneses, britânicos, chineses e ucranianos.

Figura 5 - Vista panorâmica de Londrina



Fonte: Disponível em: http://www.bonde.com.br/?id_bonde=1-39--237-20131229 Acesso em: 29.dez.2014

3.2.2 Aspectos Gerais de Londrina

Londrina é localizada no Norte do Estado do Paraná a 387 quilômetros da capital Curitiba. Apresenta uma sede e os distritos de Irerê, Paiquerê, Espírito Santo, Guaravera, Lerroville, Maravilha, Paiquerê, São Luiz e Warta. Seus municípios limítrofes são Arapongas, Apucarana, Assaí, Cambé, Ibiporã, Marilândia do Sul, São Jerônimo da Serra, Sertanópolis e Tamarana.

Segundo o IBGE (2010), Londrina conta com 506.701 habitantes e possui uma unidade territorial de 1.653,075 km² e IDHM – índice de desenvolvimento humano municipal – de 0,778.

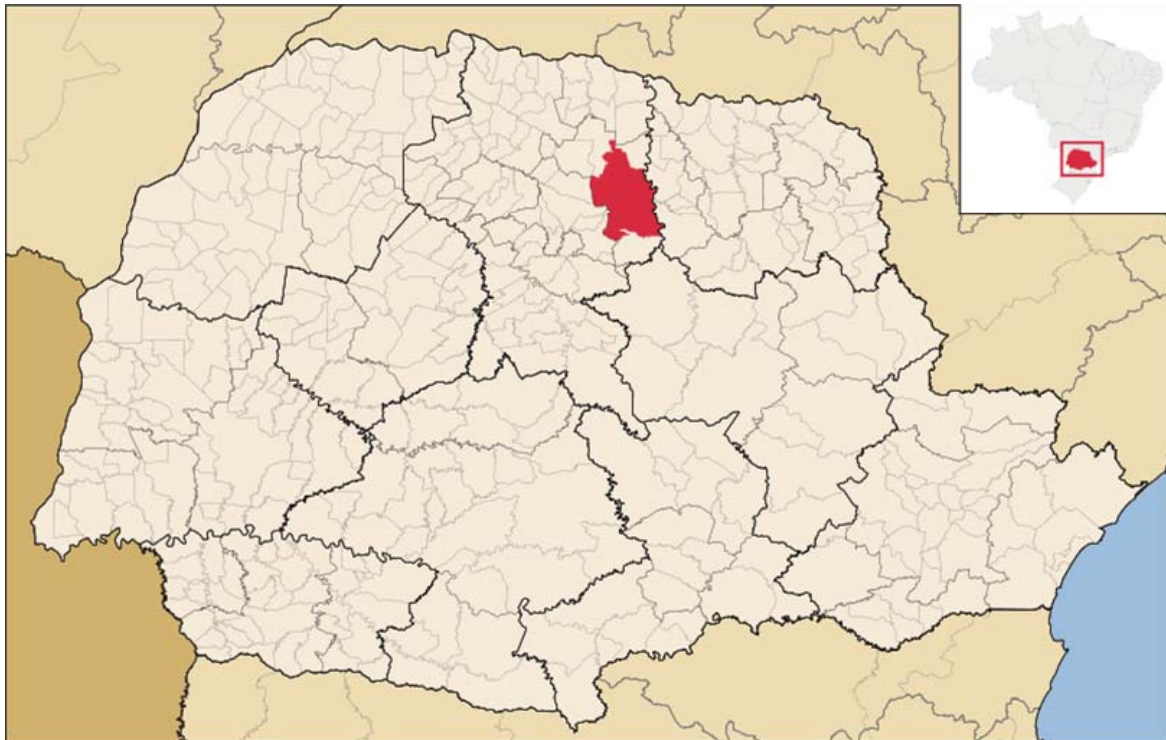
A cidade dispõe de uma economia diversificada, abarcando setores industriais, agroindustriais e, sobretudo, comerciais e de serviços. Tem uma ampla rede de

pré-escolas, escolas de ensino fundamental e médio, além de importantes instituições de ensino superior, entre elas a Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC).

Tem, ainda, aeroporto, terminal rodoviário, museus, cinemas, shoppings, estádios, parques, bares e várias opções para lazer. Dentre a população, 307.130 se dizem católicos, 147.258 evangélicos e 5.953 espíritas.

A figura 6 ilustra a localização do município de Londrina no estado do Paraná.

Figura 6 – Mapa do estado do Paraná com destaque para a cidade de Londrina



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parana_Municip_Londrina.svg. Acesso em: 25.jan.2014

3.2.3 A formação dos Falares da Região de Londrina

As pesquisas linguísticas apresentadas nesta seção apontam para um dialeto londrinense com características específicas que partem do acervo lexical, perpassam a prosódia e incluem os traços fonéticos. Dentre os traços fonéticos, o mais marcante é o uso categórico da variante retroflexa em coda silábica.

A origem do /r/ retroflexo é controversa. Aguilera e Silva (2011) atribuem a origem dessa variante no português brasileiro ao seu contato com o tupi, língua destituída dos fonemas /r/ e /l/ em coda silábica. A realização no português europeu do /l/ velar e alveolar em coda silábica marca a dificuldade dos indígenas em realizar a lateral no contexto CVC²⁶, como afirmam Aguilera e Silva (2011, p. 126) “a tentativa de aproximar a lâmina da língua ao palato, na realização da lateral em coda, poderia ter, naturalmente, levado à realização de um /r/ retroflexo”.

Amadeu Amaral (1982 [1920]) explica que o /r/ retroflexo faz parte do dialeto caipira. Esse dialeto ocorre na antiga província de São Paulo e se estende à grande parcela da população, inclusive aos considerados cultos. Silva Neto (1963) defende que o ponto de irradiação foi São Paulo e o povo bandeirante. Assim, a migração, motivada pela produção cafeeira, de paulistas e mineiros, foi responsável por trazer consigo esses traços linguísticos à região. O r “caipira” está presente em toda a zona de fronteira do Paraná com o estado de São Paulo, conforme atesta Castro (2006), ratificando, dessa forma, a hipótese de que os paulistas trouxeram e imprimiram essa marca linguística na fala da região.

O /r/ retroflexo é típico do falar norte-paranaense e considerado um traço marcante do falar londrinense, conforme afirma Romano (2012, p.156), “a variante predominante em todo o território de Londrina é a retroflexa (98%)”. O rótico retroflexo, também conhecido como “r caipira” ocorre por meio do levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro (CRISTÓFARO SILVA, 2009; CAGLIARI, 2009). Amadeu Amaral (1982 [1920]²⁷, p. 47)), em *O Dialeto Caipira*, descreve o rótico:

Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóboda palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante.

A variante retroflexa pode ocorrer em coda interna (*porta*) e externa (*lar*) e, em alguns dialetos, em contexto intervocálico (*arara*). O Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 2009) conta com nove cartas²⁸ com o /r/ em coda silábica interna (*terça*, *árvore*, *pernilongo*, *hortelã*, *borboleta*, *arco-íris*, *lagarto*, *parteira* e *tuberculose*), cinco com o /l/ em coda, interna ou externa, passível de roticização (*alçapão*, *sol*, *girassol*, *anzol* e *calcanhar*) e duas cartas com o /r/ em coda final (*coador* e *flor*). As cartas ilustram a

²⁶ Consoante + vogal + consoante.

²⁷ Data da primeira publicação da obra.

²⁸ Mapa que apresenta as variantes fonéticas segundo a localidade de realização.

predominância do /r/ retroflexo em quase todos os pontos, excetuando Guaíra, Marechal Cândido Rondon, mesorregião Oeste, Capanema, Barracão, mesorregião Sudoeste, Curitiba e mesorregião metropolitana de Curitiba, nos quais o tepe é categórico e em Dois Vizinhos, mesorregião Sudoeste, ponto onde retroflexo e tepe coocorrem.

Além do uso categórico do /r/ retroflexo em coda silábica, é caracterizador do falar londrinense o alçamento das vogais médias postônicas. Esse fenômeno é comum no português brasileiro e europeu. Conforme afirma Bisol (2003, p. 278), “a neutralização da átona final é um processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta, uma vez que a variação permanece em algumas comunidades”. O alçamento é caracterizado pela elevação do traço de altura das vogais médias altas [e] e [o], sendo realizadas como as vogais altas [i] e [u], como se pode notar: pente ['pe)tSI], sapo ['sapU], ocorrendo, assim, a neutralização.

Câmara Junior (2007 [1976]²⁹) afirma que as vogais médias postônicas finais e não finais em língua portuguesa apresentam um sistema reduzido se comparado às vogais médias pretônicas. Isso ocorre a partir da perda ou supressão das oposições entre /o/ e /u/ não finais e entre /e/ - /i/ e /o/ - /u/ finais. Para Câmara Junior (2007, p. 44), a grafia de palavras com “o” é uma mera convenção da língua escrita, uma vez que, na realidade, o que se tem é um /u/.

²⁹ Data da primeira publicação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, foi utilizada a técnica de medição indireta, proposta por Lambert³⁰ (1967), a qual consiste em apresentar a um grupo de julgadores gravações de falantes de diferentes dialetos lendo a mesma passagem de um texto. Para este trabalho, foram feitas algumas alterações na técnica dos falsos pares de Lambert & Lambert (1975), para adequar à proposta de observar as crenças e atitudes de curitibanos e londrinenses.

A adaptação³¹ da técnica *matched guise* feita para esta dissertação consiste em utilizar dois leitores naturais das localidades dos dialetos observados (Curitiba e Londrina), a fim de obter uma amostra dos falares das duas cidades. Foi feita a gravação da leitura, capaz de expressar as marcas fonéticas diferenciadoras dos dois dialetos, como o /r/ em coda silábica e o /e/ átono em sílaba final. Optou-se pela escolha de dois falantes com as mesmas características sociais: mesma idade e mesma escolaridade, para que as diferenças diastráticas, diassexuais e diassociais não interferissem no produto da leitura.

O texto selecionado, além de conter as marcas fonéticas diferenciadoras dos dois dialetos, apresenta um tema de cunho científico, expositivo e descritivo para que as atribuições de crenças e atitudes sejam, essencialmente, segundo a voz/fala e não ao conteúdo.

Foco na firmeza

O novíssimo creme politensor de soja contém um ativo com a proteína do grão que, segundo o fabricante, proporciona um efeito tensor imediato, mas, até aí, a promessa é idêntica à dos outros produtos do mercado. O grande fator diferencial seria o exclusivo dermo glicídio. Trata-se do açúcar vegetal que age nas fibras da pele para retardar a produção do colágeno, substância responsável pela firmeza dos tecidos. Além disso, o lançamento leva um composto que estimula a renovação celular. Está disponível em versões para diversas faixas etárias, na fórmula diurna e noturna e pode ser encontrado nas farmácias, mercearias e mercados.³²

As entrevistas foram gravadas utilizando o gravador de voz de dois *smartphones*, escolha feita pela qualidade de som. Essas gravações foram apresentadas aos julgadores que, para ouvir com perfeita nitidez, utilizavam fones de ouvido. Aos julgadores de Curitiba, foi apresentado primeiro o dialeto curitibano e depois o londrinense; em Londrina, na ordem inversa.

³⁰ Já apresentada no tópico sobre crenças e atitudes linguísticas.

³¹ A pesquisa de Lambert conta com falantes bilíngues, essa pesquisa conta com dois narradores com o mesmo perfil.

³² Texto adotado por Jacqueline Ortelan Botassini durante a disciplina de Sociolinguística no ano de 2009.

Aos julgadores, foi explicado que o teste funcionaria como quando se atende ao telefonema de um estranho e, automaticamente, atribuem-se juízos de valor, imaginando como seria o dono da voz.

Imediatamente após ouvirem cada gravação, pediu-se que os julgadores respondessem a uma ficha avaliativa tendo como base a gravação ouvida. Como eram duas gravações, o processo foi realizado duas vezes. Os informantes deveriam dizer se concordavam ou não com as afirmações da ficha a respeito da profissão, postura, aparência, caráter, inteligência.

O questionário foi fundamentado nas perguntas utilizadas por Botassini (2013), em sua tese, por sua vez, adaptadas do trabalho de Bergamaschi (2006). É composto por 24 frases, sendo 14 destacando características positivas e 10 negativas, a respeito dos narradores. Os julgadores deveriam responder *sim* ou *não*, entretanto, em alguns casos, os julgadores não esboçaram resposta.

Questões	Sim	Não
1. A pessoa que você ouviu é inteligente?		
2. A pessoa que você ouviu é feia?		
3. A pessoa que você ouviu é estudada?		
4. A pessoa que você ouviu é cuidadosa?		
5. A pessoa que você ouviu é grossa?		
6. A pessoa que você ouviu é trabalhadora?		
7. A pessoa que você ouviu é confiável?		
8. A pessoa que você ouviu é responsável?		
9. A pessoa que você ouviu é preguiçosa?		
10. A pessoa que você ouviu é insegura?		
11. A pessoa que você ouviu é antipática?		
12. A pessoa que você ouviu é competente?		
13. A pessoa que você ouviu é tímida?		
14. A pessoa que você ouviu é respeitosa?		
15. A pessoa que você ouviu é exibida?		
16. A pessoa que você ouviu é autoritária?		
17. A pessoa que você ouviu é engraçada?		
18. A pessoa que você ouviu é criativa?		

19. A pessoa que você ouviu ajuda se alguém precisa?		
20. A pessoa que você ouviu sofre preconceito social?		
21. A pessoa que você ouviu tem boa cultura?		
22. A pessoa que você ouviu tem boa condição financeira?		
23. A pessoa que você ouviu tem posto de chefia?		
24. A pessoa que você ouviu gosta de falar assim?		

Ao responder sim a uma frase que atribui característica negativa, por exemplo “A pessoa que você ouviu é grossa?”, o julgador manifesta uma avaliação negativa em relação ao narrador, ao contrário, se a resposta a essa questão for não, é manifestada uma avaliação positiva. Ao responder sim a uma frase que atribui característica positiva, como “A pessoa que você ouviu é estudada?”, o julgador avalia positivamente o narrador, enquanto, se o julgador responder não a esta questão, ele expressa uma avaliação negativa.

As características podem ser classificadas em três tipos: relacionadas à capacidade (por exemplo: inteligência, estudos, autoconfiança), ao relacionamento interpessoal (por exemplo: caráter, confiabilidade) e à atratividade social (empatia, sociabilidade).

Após o preenchimento da ficha avaliativa, pediu-se aos julgadores que contassem o dia mais marcante de suas vidas, no intuito de que, sem policiamento, confirmassem os traços caracterizadores de sua fala.

Realizadas as entrevistas, foi feita a transcrição da fala dos informantes segundo as técnicas fonética e grafemática do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)³³. As transcrições fonéticas e posteriores revisões foram realizadas somente nos ambientes em que havia o /r/ em coda silábica, tanto externa quanto interna, e /e/ átono final.

Os dados foram tratados por meio do *software* desenvolvido por Mendez Batista³⁴ (2012) que oferece noções estatísticas simples, como número de ocorrências, porcentagens e cruzamento de variáveis.

A análise conta com os resultados obtidos por meio das respostas dos informantes ao questionário que tem caráter fechado, isto é, o informante não pode responder livremente, as respostas restringem-se a afirmar ou negar as questões realizadas. Objetiva-se observar a reação dos informantes frente aos dois dialetos – curitibano e londrinense – ou

³³ Projeto de âmbito interinstitucional que visa descrever a realidade do Português falado no Brasil. Maiores informações no site: www.alib.ufba.br.

³⁴ Analista de sistemas da Universidade Estadual de Maringá.

seja, em relação ao seu próprio dialeto e em relação ao do outro. Vale ressaltar que não foi informada aos julgadores a procedência dos narradores.

4.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* da pesquisa que deu origem a esta dissertação conta com dois momentos. O primeiro consiste na gravação da leitura de um texto – supracitado – por dois informantes, um natural de Curitiba e o outro de Londrina, como representantes dos dialetos. O segundo é constituído pelos 24 julgadores, 12 de cada localidade, que serão os avaliadores das amostras dos dialetos.

4.1.1 Os Representantes dos Dialetos

Para a representação dos dialetos, foram selecionados dois indivíduos: um natural de Curitiba e o outro de Londrina. O critério para seleção dos informantes foi serem nascidos e terem sempre morado na cidade em questão, a fim de que as amostras coletadas reflitam o dialeto da forma mais confiável possível.

Os indivíduos do sexo masculino foram escolhidos por policiarem menos a fala, como afere Silva Corvalán (1989, p.70) ao afirmar que “a maior sensibilidade das mulheres frente às normas de conduta correta é demonstrada também através da autocorreção que elas possuem muito mais do que os homens nos contextos formais”³⁵.

Quanto à idade, foi selecionada a faixa dos 50 anos, porque nessa idade, o falante é conservador e, normalmente, apegado às tradições linguísticas locais.

Em relação à escolaridade, optou-se pelo Ensino Médio, pois, aqueles que possuem maior grau de escolaridade, como Ensino Superior, têm a tendência a escolher as formas de maior prestígio e os de Ensino Fundamental poderiam não ler com tanta fluidez.

4.1.2 Os Informantes Avaliadores

O primeiro critério para seleção dos informantes foi serem nascidos e terem sempre morado na cidade em questão. São 24 informantes, ou julgadores, sendo 12 informantes naturais de Curitiba e 12 naturais de Londrina. Preenchido esse requisito, os julgadores foram, ainda, selecionados segundo os critérios: sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

³⁵ “La mayor sensibilidad de las mujeres hacia normas de conducta correcta se de muestra además em elhecho de que se auto corrigen mucho más que los hombres en contextos formales”.

Quanto ao sexo, foram selecionados 12 homens e 12 mulheres, sendo 6 homens e 6 mulheres de cada uma das cidades.

A faixa etária foi dividida em duas: faixa etária 1 e faixa etária 2. Na faixa etária 1 estão os julgadores com idade entre 18 e 30 anos e na faixa etária 2, os julgadores com idade entre 51 e 70 anos. Não foram incluídos informantes de faixa etária intermediária (31 a 50 anos) por compreender uma faixa de transição, evitando-se, dessa forma, que os dados se aproximem muito da primeira ou da segunda faixa etária.

Quanto à escolaridade, a pesquisa conta com informantes de ensino Fundamental, ensino Médio e Superior, divididos de forma igualitária.

Por questões éticas, os nomes dos informantes não são revelados. Para identificação dos julgadores, seguem-se os números conforme a tabela abaixo.

Tabela 1 – Perfil dos julgadores

Informante	Idade	Escolaridade	Sexo
1	18 a 30	Fundamental	Masculino
2	18 a 30	Fundamental	Feminino
3	18 a 30	Médio	Masculino
4	18 a 30	Médio	Feminino
5	18 a 30	Superior	Masculino
6	18 a 30	Superior	Feminino
7	51 a 70	Fundamental	Masculino
8	51 a 70	Fundamental	Feminino
9	51 a 70	Médio	Masculino
10	51 a 70	Médio	Feminino
11	51 a 70	Superior	Masculino
12	51 a 70	Superior	Feminino

Fonte: *corpus* da pesquisa

Encontrar informantes com perfil tão específico não foi tarefa fácil, especialmente porque não poderia haver qualquer contato prévio entre inquiridor e informante. Para tanto, foi necessário contar com o auxílio de amigos e familiares, além de busca em estabelecimentos comerciais de grande fluxo de pessoas, como academias, mercados e lojas, além de recorrer a instituições de ensino, como universidades e CEEBJAs (Centros de Educação Estadual Básica para Jovens e Adultos).

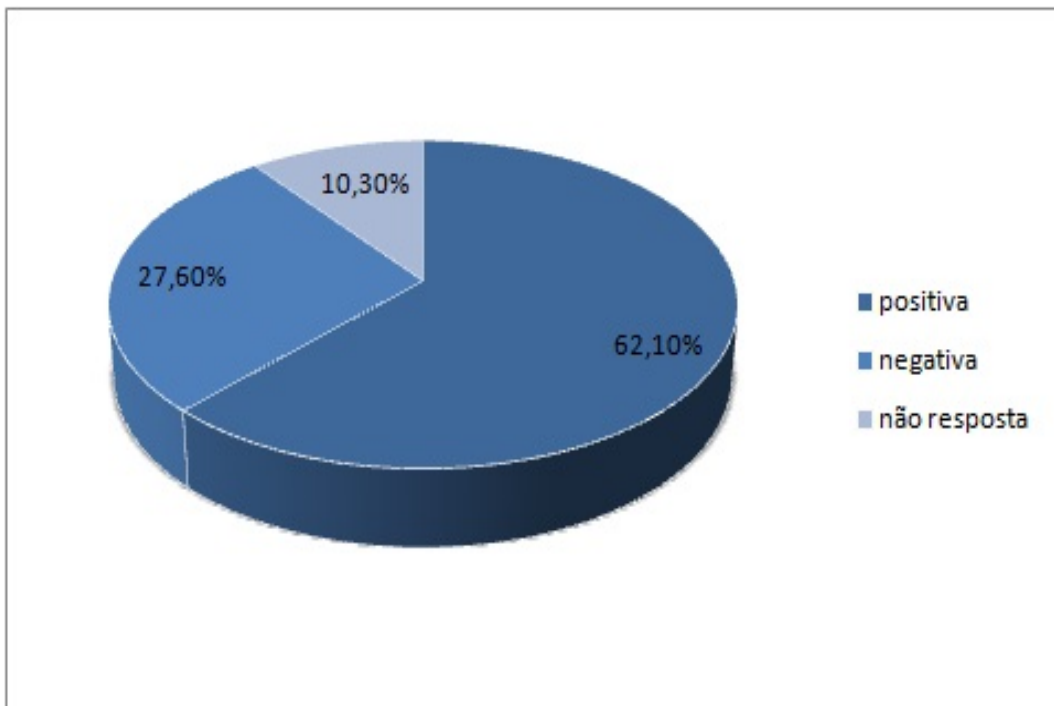
5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo ocupa-se da análise dos dados obtidos a partir da adaptação da técnica *matched guise* que consiste em utilizar dois narradores naturais das localidades dos dialetos observados (Curitiba e Londrina), a fim de obter uma amostra dos falares das duas cidades.

A análise dos dados conta com os resultados estatísticos obtidos por meio do programa desenvolvido por Mendez Batista (2012). Parte das respostas dos informantes ao questionário utilizado por Botassini (2013), por sua vez, adaptado do trabalho de Bergamaschi (2006).

Cada um dos 24 informantes respondeu duas vezes o questionário, uma vez relacionada ao seu próprio dialeto e outra relacionada ao dialeto do outro. Dessa forma, o trabalho conta com 48 fichas avaliativas de 24 perguntas, totalizando 1.152 avaliações. Desse total, 715 (62,1%) respostas são positivas, 318 (27,6%), negativas. Além dessas avaliações, 119 (10,3%) dos julgadores não souberam ou preferiram não responder. O gráfico 1 apresenta a apreciação geral das avaliações positivas, negativas e as não respostas.

Gráfico 1 – Apreciação geral das avaliações positivas, negativas e não respostas



Fonte: *corpus* da pesquisa

As avaliações positivas englobam as respostas *sim* às questões com características positivas e *não* às questões com características negativas. Já as avaliações negativas são consideradas as respostas *sim* às questões com características negativas e *não* às questões com características positivas.

Como *não resposta* estão incluídos os casos em que o julgador disse não saber responder, preferiu não dar resposta ou a resposta foi considerada sem pertinência aos propósitos do trabalho. Como, por exemplo, a resposta do informante 7 de Curitiba (INF.- Meu Deus, hoje em dia tá difícil uma pessoa ajudar a outra). O informante fez um comentário geral, mas não demonstrou atitude frente ao falar em questão.

Na análise geral dos dados, isto é, sem observar a procedência dos julgadores e/ou o dialeto julgado, nota-se a maior recorrência de avaliações positivas, 62,10%, percentual maior que as avaliações negativas, 27,60%, e as não respostas, 10,30%, somadas. Esse cenário atesta que os informantes têm maior propensão à atribuição de prestígio linguístico às falas que à atribuição de desprestígio.

A tabela 2 expõe a avaliação geral dos dialetos ouvidos sem levar em conta a procedência dos julgadores.

Tabela 2 – Avaliação geral dos dialetos ouvidos

Dialeto ouvido	Positiva		Negativa		Não resposta	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Curitibano	371	64,4	152	26,6	53	9,2
Londrinense	344	59,7	166	28,8	66	11,5

Fonte: *corpus* da pesquisa

Os resultados destacam o percentual de uma avaliação mais positiva em relação ao falar curitibano, 64,4%, em comparação ao londrinense, 59,7%. Na avaliação negativa, o falar londrinense apresenta um percentual ligeiramente mais elevado, 28,8%, que o curitibano, 26,6%. O percentual das avaliações dos dialetos apresenta uma diferença pequena. Esse cenário torna-se mais interessante ao considerar o contexto sociocultural de ambas as localidades, pois há um abismo observado historicamente.

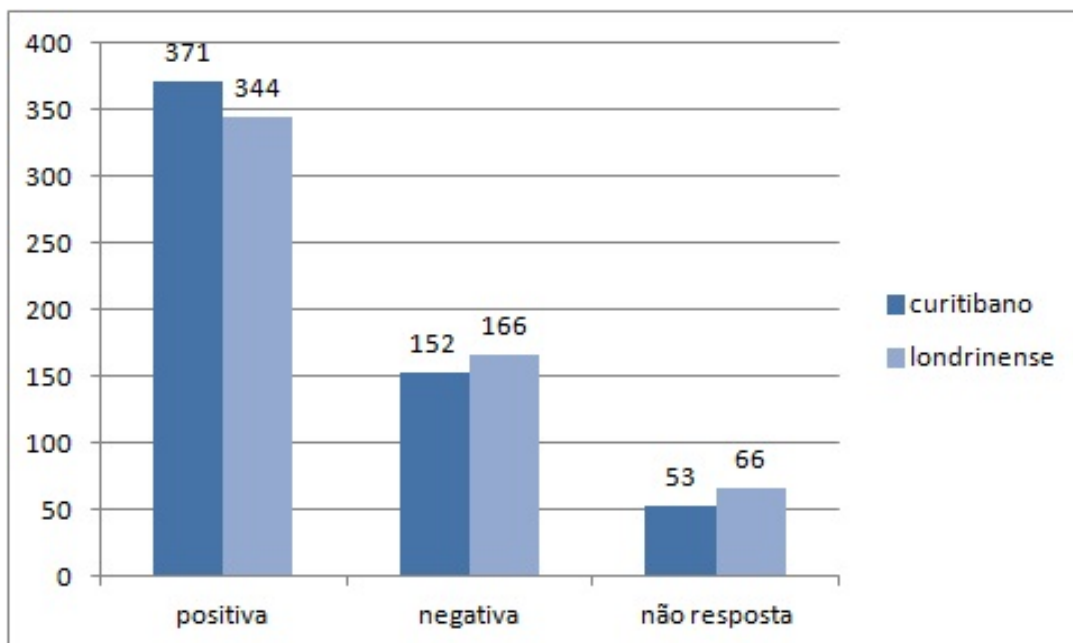
Apesar de a diferença percentual ser pequena, é perceptível a preferência pelo dialeto curitibano em comparação ao londrinense. Corroborando com esses dados, Pastorelli (2009), em estudo de crenças e atitudes sobre os falantes de Londrina, observa uma tendência ao desprestígio frente ao próprio falar, visto que 57,14% das respostas indicam que

o londrinense considera sua fala errada (PASTORELLI, 2009, p.50). Em sua tese, Botassini (2013, p. 172) observa um cenário semelhante. Os resultados de seu estudo apontaram que há “certa ‘rejeição’ [...] à fala norte-paranaense ou, pelo menos, menor estima em relação a ela” (BOTASSINI, 2013, p.172).

Em estudo comparativo de crenças e atitudes de falantes de Londrina e Pitanga³⁶, as autoras Aguilera e Silva (2014) registram uma postura divergente frente ao falar londrinense, visto que os dados demonstram um quadro de prestígio direcionado a essa variedade e “desvalorização e [...] preconceito em relação ao subdialeto de Pitanga” (AGUILERA; SILVA, 2014, p. 714). Isso ocorre porque a noção de prestígio linguístico é, segundo Condé (1998, p.1), intimamente vinculada ao *status* social, e as atitudes são, conforme assevera Aguilera (2008b), controladas por grupos de maior *status* social. Assim, Londrina que possui maior *status* social que Pitanga, detém, também, maior prestígio linguístico.

Os dados referentes à avaliação geral dos dialetos ouvidos estão sintetizados no gráfico 2 que apresenta o número de ocorrências das avaliações positivas, negativas e das não respostas frente ao falar curitibano (azul) e londrinense (vermelho).

Gráfico 2 – Avaliação geral dos dialetos ouvidos



Fonte: *corpus* da pesquisa

³⁶ Cidade da região centro-oeste do Paraná.

O gráfico 2 ilustra o número de atribuições positivas e negativas frente aos dialetos. Os dados apresentados demonstram que as reações frente aos dois dialetos são pouco díspares, ou seja, o número de ocorrências de atitudes positivas e negativas frente aos dois falares é muito próximo. Contudo, é possível observar que o falar curitibano recebe maior prestígio por parte dos julgadores que o falar londrinense, que sofre certo desprestígio.

Para a análise das frases utilizadas na avaliação dos dialetos, foram consideradas, inicialmente, as dotadas de características positivas e, em seguida, as negativas. Nesta etapa, foi realizada a mensuração das avaliações de prestígio e desprestígio, além das não respostas.

A tabela 3 contempla o percentual de prestígio e desprestígio na avaliação de julgadores curitibanos frente ao falar curitibano e londrinense nas frases com características positivas.

Tabela 3 – Percentual de prestígio e desprestígio na avaliação dos julgadores curitibanos nas frases com características positivas

Questões	Dialeto Curitibano			Dialeto Londrinense		
	Sim	Não	NR	Sim	Não	NR ³⁷
A pessoa que você ouviu é inteligente?	58,3	16,7	25	58,3	41,7	-
A pessoa que você ouviu é estudada?	41,7	41,7	16,7	50,0	41,7	8,3
A pessoa que você ouviu é cuidadosa?	50,0	16,7	33,4	75,0	16,7	8,3
A pessoa que você ouviu é trabalhadora?	83,3	8,3	8,3	66,7	16,7	16,7
A pessoa que você ouviu é confiável?	41,7	41,7	16,7	33,3	41,7	25,0
A pessoa que você ouviu é responsável?	66,7	25,0	8,3	66,7	16,7	16,6
A pessoa que você ouviu é competente?	75,0	16,7	8,3	75,0	25,0	-
A pessoa que você ouviu é respeitosa?	75,0	25,0	-	100,0	-	-
A pessoa que você ouviu é criativa?	33,3	50,0	16,7	33,3	41,7	25,0
A pessoa que você ouviu ajuda os outros quando precisam?	75,0	16,7	8,3	66,7	25,0	8,3
A pessoa que você ouviu tem boa cultura?	58,3	16,7	25,0	50,0	25,0	25,0
A pessoa que você ouviu tem boa condição financeira?	25,0	33,3	41,7	33,3	33,3	33,3
A pessoa que você ouviu tem um posto de chefia?	33,3	33,3	33,4	16,7	66,7	16,7
A pessoa que você ouviu gosta de falar assim?	58,3	33,3	8,3	58,3	41,7	-

Fonte: *corpus* da pesquisa

³⁷ NR = Não resposta

A tabela 3 apresenta as avaliações dos curitibanos frente aos falantes dos dois dialetos. Conforme já explicado no capítulo de procedimentos metodológicos, as respostas sim dadas às questões com características positivas atribuem prestígio ao falante, enquanto as respostas não dadas a essas questões, atribuem desprestígio ao falante.

Esses dados permitem observar as relações estabelecidas entre as características e os dialetos, ou seja, em que medida cada característica é atribuída aos falantes de cada dialeto. Essas relações são estabelecidas por meio do processo de normalização (SILVA, 2000, p.83) que ocorre no campo da identidade e diferença, ou seja, ao afirmar que o indivíduo é inteligente, faz-se automaticamente a afirmação de que ele não é burro, ou ainda, ao dizer que “tem um posto de chefia”, entende-se que ele não tem um cargo considerado “inferior”.

Quanto à inteligência, a atribuição de prestígio aos dois dialetos é igual, 58,3%, porém, o desprestígio é bem maior em relação ao londrinense, 41,7%, em comparação ao curitibano, 16,7%. As *não respostas* a respeito do dialeto curitibano somam 25%, enquanto, em relação ao dialeto londrinense, não houve ausência de resposta.

O nível de escolaridade revela atribuição de prestígio em relação ao londrinense, 50%, contra 41,7% dos curitibanos. Assim, apesar de os julgadores curitibanos considerarem os representantes igualmente inteligentes, os londrinenses são vistos como mais estudados.

Sobre “ser cuidadosa”, houve significativa atribuição de mais prestígio ao londrinense, 75%, do que aos curitibanos, 50%. Nesse ponto, a atribuição de desprestígio foi idêntica, 16,7% para ambos, no entanto, a não resposta para o falar curitibano foi significativo, com 33,4%.

Ao falar curitibano foi atribuído maior percentual para o tópico “trabalhador”, 83,3%, enquanto ao londrinense, 66,7%, isto é, os curitibanos consideram o representante de seu próprio falar como mais trabalhador que o londrinense.

A avaliação sobre “ser confiável” foi mais alta para os curitibanos, 41,7%, que para os londrinenses, 33,3%. Quanto à “responsabilidade”, ambos receberam o mesmo percentual de atitude positiva, 66,7%, diferenciando na negativa – com 25% para os curitibanos e 16,7% aos londrinenses – e nas *não respostas* 8,3% aos curitibanos e 16,6% aos londrinenses. A competência foi igualmente atribuída aos dois representantes, com 75% ambos.

É importante ressaltar os dados obtidos junto à questão “A pessoa que você ouviu é respeitosa?”, pois, há 100% de atribuição de prestígio aos londrinenses contra 75%

aos curitibanos. No que concerne à “criatividade”, a atitude positiva é revelada da mesma forma para ambos (33,3%), isto é, um índice abaixo da média.

Quando questionado se “*a pessoa ajuda os outros quando precisam*”, foram atribuídos 75% de respostas afirmativas aos curitibanos e 66,7% aos londrinenses, ou seja, mais prestígio aos curitibanos. Da mesma forma, quanto à cultura, 58,3% de prestígio aos curitibanos e 50% aos londrinenses. Esse dado demonstra que o curitibano é visto como portador de mais e melhor cultura se comparado ao londrinense, embora a diferença não seja significativa.

No que diz respeito ao cargo exercido no emprego, 33,3% consideram que o curitibano possui um “cargo de chefia” e apenas 16,7% fazem a mesma afirmação ao londrinense, segundo a ideia de identidade e diferença, são atribuídos ao londrinense, cargos “inferiores”.

No que concerne ao fato de gostar da maneira como fala, 58,3% afirmam que o curitibano gosta e, da mesma forma, o londrinense. Vale observar que os números diferenciam em relação à negação, com 33,3% de respostas afirmando que o curitibano não gosta da maneira como fala e 41,7% que o londrinense não gosta da sua forma de falar, agregando ao falante londrinense certa insegurança linguística.

Assim, os curitibanos consideram os próprios curitibanos como mais ricos culturalmente, mais trabalhadores e mais solidários e, os londrinenses mais estudados, respeitosos e cuidadosos. São avaliados de forma igualitária os representantes dos dialetos em relação à inteligência, responsabilidade, competência e lealdade linguística.

A tabela 4 apresenta as mesmas questões com características positivas, mas agora com as respostas dos julgadores londrinenses.

Tabela 4 – Prestígio e desprestígio na avaliação dos julgadores londrinenses nas frases com características positivas

Questões	Dialeto Curitibano			Dialeto Londrinense		
	Sim	Não	NR	Sim	Não	NR ³⁸
A pessoa que você ouviu é inteligente?	83,3	16,7	-	58,3	33,3	8,3
A pessoa que você ouviu é estudada?	75,0	16,7	8,3	41,7	41,7	16,7
A pessoa que você ouviu é cuidadosa?	83,3	16,7	-	66,7	25,0	8,3
A pessoa que você ouviu é trabalhadora?	83,3	16,7	-	83,3	-	16,7
A pessoa que você ouviu é confiável?	75,0	25,0	-	75,0	8,3	16,7
A pessoa que você ouviu é responsável?	91,7	8,3	-	91,7	-	8,3
A pessoa que você ouviu é competente?	91,7	8,3	-	66,7	25,0	8,3
A pessoa que você ouviu é respeitosa?	91,7	8,3	-	91,7	8,3	-
A pessoa que você ouviu é criativa?	50,0	41,7	8,3	75,0	25,0	-
A pessoa que você ouviu ajuda os outros quando precisam?	75,0	25,0	-	75,0	16,7	8,3
A pessoa que você ouviu tem boa cultura?	83,3	16,7	-	66,7	33,3	-
A pessoa que você ouviu tem boa condição financeira?	75,0	25,0	-	41,7	41,7	16,7
A pessoa que você ouviu tem um posto de chefia?	33,3	50,0	16,6	33,3	66,7	-
A pessoa que você ouviu gosta de falar assim?	50,0	50,0	-	58,3	33,3	8,3

Fonte: *corpus* da pesquisa

As questões analisadas permitem observar que os julgadores londrinenses atribuíram prestígio significativo ao falar curitibano. Conforme já explicado no capítulo de procedimentos metodológicos, as respostas sim dadas às questões com características positivas atribuem prestígio ao falante, enquanto às respostas não dadas a essas questões, atribuem desprestígio ao falante.

No que concerne à inteligência, o percentual de *sim* para o falante londrinense foi de apenas 58,3%, ao passo que para o falante curitibano, esse número salta para 83,3%. A respeito do nível de escolaridade, foi atribuído ao curitibano 75% de prestígio,

³⁸ NR = Não resposta

contra 41,7% ao londrinense, enquanto na atribuição de desprestígio, apenas 16,7% aos curitibanos e 41,7% ao dialeto londrinense. Nota-se que os londrinenses caracterizam como mais “inteligente” e “estudado” o falante curitibano, atribuindo-lhes maior prestígio. Da mesma forma, o falante curitibano foi considerado mais cuidadoso em comparação ao falante londrinense, com os percentuais 83,3%, 66,7%, respectivamente.

Os quesitos: trabalhadora, confiável, responsável e respeitosa apresentaram dados interessantes, pois contam com o mesmo percentual de prestígio para ambos os dialetos. Também as questões “ajuda os outros quando precisam” e “tem posto de chefia” têm o mesmo percentual de atitude positiva. Esses dados revelam que, quanto ao relacionamento interpessoal (confiável, responsável, respeitoso, ajuda os outros), os londrinenses julgaram os falantes dos dois dialetos de maneira igualitária, assim como em relação a ser trabalhador.

A questão acerca do cargo de chefia carrega uma atitude negativa de 50% em relação aos curitibanos e 66,7% em relação aos londrinenses. Dessa forma, os julgadores londrinenses demonstram acreditar que poucos os representantes possuem posto de chefia.

Sobre a competência, o julgamento londrinense foi bastante positivo sobre o curitibano (91,7%), ao passo que, em relação ao londrinense esse percentual cai consideravelmente para 66,7%. Contudo, o londrinense é visto como mais criativo (75%) que o curitibano (50%).

Em relação à cultura e à condição financeira, os londrinenses reagem de forma mais positiva em relação à fala do curitibano. Já quanto à questão “a pessoa que você ouviu gosta de falar assim?”, há uma concorrência entre prestígio e desprestígio em relação ao curitibano, enquanto relacionado ao londrinense, a atitude positiva se destaca, mesmo que timidamente (58,3%).

A seguir, são observadas as questões com características negativas. Foi realizada a mensuração das avaliações de prestígio, desprestígio e *não respostas*. Nesta tabulação, é considerada como atribuição de prestígio a resposta negativa e como desprestígio a resposta afirmativa.

A tabela 5 exhibe as respostas dos julgadores curitibanos frente ao falar curitibano e londrinense.

Tabela 5 – Percentual de prestígio e desprestígio na avaliação dos julgadores curitibanos nas frases com características negativas

Questões	Dialeto Curitibano			Dialeto Londrinense		
	Sim	Não	NR	Sim	Não	NR ³⁹
A pessoa que você ouviu é feia?	16,7	58,3	25,5	16,7	41,7	41,7
A pessoa que você ouviu é grossa?	16,7	83,3	-	16,7	66,7	16,7
A pessoa que você ouviu é preguiçosa?	25,0	75,0	-	8,3	83,3	8,3
A pessoa que você ouviu é insegura?	41,7	50,0	8,3	33,3	58,3	8,3
A pessoa que você ouviu é antipática?	25,0	50,0	25,0	66,7	25,0	8,3
A pessoa que você ouviu é tímida?	66,7	16,7	16,7	58,3	33,3	8,3
A pessoa que você ouviu é exibida?	8,3	83,3	8,3	33,3	50,0	16,6
A pessoa que você ouviu é autoritária?	25,0	66,7	8,3	41,7	41,7	16,6
A pessoa que você ouviu é engraçada?	16,7	75,0	8,3	33,3	58,3	8,3
A pessoa que você ouviu sofre preconceito social?	50,0	41,7	8,3	33,3	41,7	25,0

Fonte: *corpus* da pesquisa

A tabela 5 apresenta as avaliações dos curitibanos frente aos falantes dos dois dialetos. Conforme já explicado no capítulo de procedimentos metodológicos, as respostas não dadas às questões com características negativas atribuem prestígio ao falante, enquanto as respostas sim dadas a essas questões atribuem desprestígio ao falante. Os dados obtidos por meio das questões com características negativas exprimem um quadro interessante.

A questão “a pessoa que você ouviu é feia?” mostra 58,3% de atitude positiva frente ao falar curitibano e 41,7% ao londrinense. Todavia, é válido observar que o percentual de não resposta é alto, sugerindo que a inferência sobre aparência não é estritamente relacionada à fala por parte dos julgadores curitibanos.

Sobre “a pessoa que você ouviu é grossa?”, 83,3% dos julgadores curitibanos negaram, não considerando o representante de seu próprio dialeto possuidor dessa característica, assim como a reação frente ao dialeto londrinense, 66,7% das atitudes foram positivas, ou seja, não consideraram o falante londrinense como grosso.

³⁹ NR = Não resposta

O representante do dialeto londrinense foi considerado menos preguiçoso, 83,3% de respostas negativas, que o curitibano, 75% de respostas negativas, atribuindo, nesse aspecto, mais prestígio ao londrinense.

Os dados revelam que 66,7% dos julgadores curitibanos consideram o falante londrinense como antipático, um quadro muito diferente acerca do curitibano (apenas 25%).

O curitibano é visto como mais tímido (66,7%) que o londrinense (58,3%) que é considerado mais exibido e autoritário que o curitibano. Poucos (16,7%) dos curitibanos julgaram o representante de seu próprio dialeto como engraçado, considerando mais engraçado o londrinense (33,3%).

Em relação às questões que versam sobre preconceito linguístico, a atitude positiva frente aos dois dialetos mantém o mesmo percentual (41,7%), entretanto, o falar curitibano é visto como mais atingido por esse preconceito (50%) que o londrinense (33,3%). A não resposta para esse questionamento é de 8,3% para o dialeto de Curitiba e 25% para Londrina.

Entre as dez questões com características negativas, o percentual de respostas negativas foi maior em relação aos curitibanos em cinco delas (feia, antipática, exibida, autoritária e engraçada), enquanto em relação aos londrinenses, o mesmo caso ocorreu em quatro (grossa, preguiçosa, insegura e tímida). Esse cenário sugere uma atitude mais positiva, isto é, de prestígio, frente ao falar curitibano.

A questão a respeito de preconceito social ilustrou uma atitude positiva de igualdade entre os falantes, diferenciando-se nas respostas carregadas de atitude negativa, nas quais há 50% para o dialeto curitibano em detrimento de 25% para o dialeto londrinense.

A tabela 6 traz as avaliações dos julgadores londrinenses sobre os dialetos de Curitiba e Londrina nas questões com características negativas.

Tabela 6 – Prestígio e desprestígio na avaliação dos julgadores londrinenses nas frases com características negativas

Questões	Dialeto Curitibano			Dialeto Londrinense		
	Sim	Não	NR	Sim	Não	NR ⁴⁰
A pessoa que você ouviu é feia?	-	75,0	25,0	41,7	25,0	25,0
A pessoa que você ouviu é grossa?	8,3	83,3	8,3	16,7	66,7	16,7
A pessoa que você ouviu é preguiçosa?	25,0	75,5	-	16,7	75,0	8,3
A pessoa que você ouviu é insegura?	41,7	58,3	-	50,0	41,7	8,3
A pessoa que você ouviu é antipática?	25,0	66,7	8,3	16,7	75,0	8,3
A pessoa que você ouviu é tímida?	41,7	58,3	-	25,0	66,7	8,3
A pessoa que você ouviu é exibida?	25,0	75,0	-	25,0	75,0	-
A pessoa que você ouviu é autoritária?	58,3	41,7	-	16,7	83,3	-
A pessoa que você ouviu é engraçada?	25,0	66,7	8,3	66,7	33,3	-
A pessoa que você ouviu sofre preconceito social?	25,0	75,0	-	41,7	50,0	8,3

Fonte: *corpus* da pesquisa

A tabela 6 traz os dados obtidos junto às respostas dos julgadores londrinenses frente aos falares de Curitiba e Londrina. Nesta tabulação, é considerada como atribuição de prestígio a resposta negativa e como desprestígio a resposta afirmativa.

Na questão “a pessoa que você ouviu é feia?” nenhum dos julgadores londrinenses respondeu sim frente ao dialeto curitibano, ou seja, eles não o consideram feio, atribuindo-lhe uma atitude positiva. Enquanto que relacionado ao falar londrinense, 41,7%% das respostas foram afirmativas, atribuindo-lhe desprestígio.

Ao serem questionados sobre o indivíduo ser grosseiro, os julgadores demonstraram pouco preconceito em relação aos dois dialetos, com porcentagem de 8,3% para curitibanos e 16,7% para londrinenses, no entanto, o londrinense foi considerado um pouco mais grosseiro que o curitibano. Ambos os representantes dos dialetos não foram considerados preguiçosos, visto que 75% das respostas discordaram dessa pergunta, atribuindo-lhes uma atitude positiva, ou de prestígio.

No que diz respeito à insegurança dos locutores, as respostas foram favoráveis ao dialeto curitibano. A atitude positiva frente ao dialeto curitibano aconteceu em

⁴⁰ NR = Não resposta

58,3% dos casos, enquanto frente ao londrinense, 41,7%, e a atitude negativa relativa ao representante do falar de Curitiba ficou em 41,7% e 50% ao de Londrina.

O representante de Londrina foi considerado menos antipático (75%) e menos tímido (66,7%) que o curitibano. Os números sobre a questão “a pessoa que você ouviu é exibida?” são exatamente os mesmos para ambos os dialetos, com 75% de atitude positiva e 25% de atitude negativa.

No que concerne ao autoritarismo presente na fala dos narradores, os dados são favoráveis ao dialeto londrinense, 83,3% dos julgadores não o consideram autoritário, ao passo que 41,7% não consideram o falante curitibano autoritário. A situação se contrapõe quando questionado se o falante é engraçado, apenas 33,3% dos julgadores defendem o representante de Londrina, afirmando que esse não é engraçado, mas 66,7% afirmam que o curitibano não o é.

A sondagem a respeito do preconceito social sofrido pelos representantes revela que 75% acreditam que o curitibano não sofre com isso, enquanto 50% fazem a mesma afirmação em relação ao londrinense.

Ao observar as dez questões de características negativas juntas, vê-se que os londrinenses apresentaram uma atitude positiva frente ao falar curitibano em cinco questões (feia, grossa, insegura, engraçada, preconceito social), enquanto que, em relação ao próprio falar, em apenas três (antipática, tímida, autoritária). As questões sobre o falante ser preguiçoso e exibido contam com os mesmos percentuais para ambos os representantes dos dialetos. Quem julga mais positivamente? E quem julga mais negativamente? A tabela 7 ilustra a avaliação geral dos julgadores de Curitiba e Londrina, isto é, sem considerar o dialeto julgado, mas somente o posicionamento dos julgadores.

Tabela 7 – Avaliação geral dos julgadores de Curitiba e Londrina

Procedência do julgador	Positiva		Negativa		Não resposta	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Curitiba	327	56,8	165	28,6	84	14,6
Londrina	388	67,4	153	26,6	35	6,1

Fonte: *corpus* da pesquisa

A tabela 7 traz o número de ocorrências e o percentual da avaliação geral dos julgadores de Curitiba e Londrina. Os dados evidenciam a maior recorrência de atribuição positiva por parte dos julgadores de Londrina, 67,4% do total, enquanto os curitibanos, por

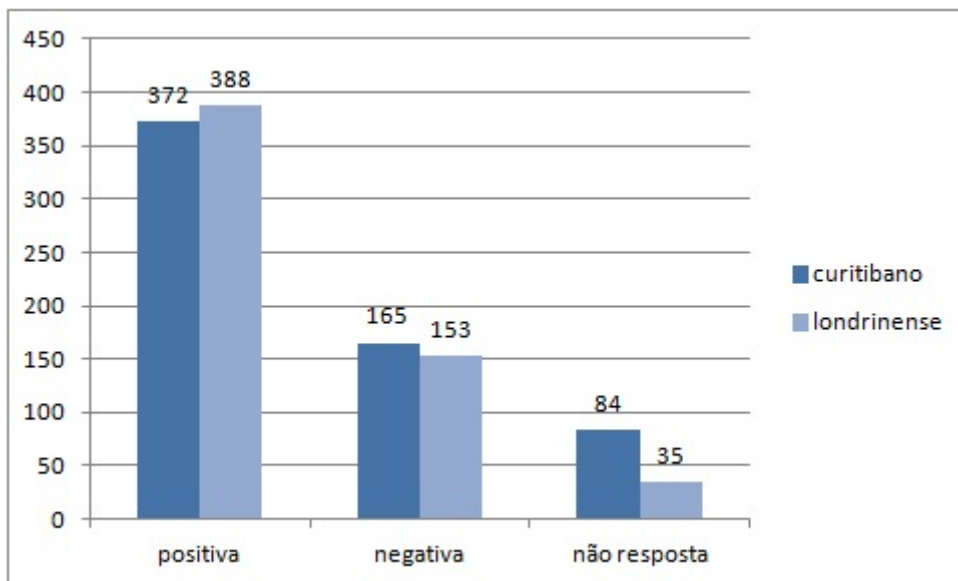
sua vez, julgaram positivamente em 56,8%. As atribuições negativas apresentaram uma diferença pouco significativa, ocorrendo em 28,6% das respostas dos curitibanos e 26,6% dos londrinenses.

Esses números demonstram que o londrinense tende a reagir mais positivamente frente às variedades, tanto ao seu próprio dialeto, quanto ao dialeto do outro. Esses dados parecem indicar que os londrinenses são menos preconceituosos que os curitibanos ou, pelo menos, aceitam melhor as variedades. Botassini (2013) observou, em sua tese, situação semelhante, na qual os julgadores norte-paraenses foram os que mais fizeram avaliações positivas.

Os casos de não resposta também são significativos, visto que apenas 6,1% dos londrinenses não responderam, enquanto 14,6% dos curitibanos se abstiveram, sugerindo certa cautela ao fazer juízos de valor.

Os dados ficam mais claros com a representação no gráfico 3.

Gráfico 3 – Avaliação geral dos julgadores de Curitiba e Londrina



Fonte: *corpus* da pesquisa

Observar as avaliações segundo a procedência dos julgadores é fundamental, pois, a partir desses dados é possível mensurar as reações frente ao próprio dialeto e em relação ao outro, constatando, assim, as relações de prestígio e desprestígio. A tabela 8 apresenta os dados em porcentagem e número de ocorrências.

Tabela 8 – Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a procedência dos julgadores

Procedência/ Dialectos ouvidos	Positiva		Negativa		Não resposta		
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	
Curitiba	Curitiba	165	57,3	80	27,8	43	14,9
	Londrina	162	56,3	85	29,5	41	14,2
	Curitiba	206	71,5	72	25,0	10	3,5
Londrina	Londrina	182	63,2	81	28,1	25	8,7

Fonte: *corpus* da pesquisa

Ao observar os dados apresentados na tabela 8, pode-se verificar que a reação dos julgadores curitibanos frente aos dois falares apresenta percentuais muito próximos. Vê-se que foram atribuídos 57,3% de atitude positiva, ou prestígio, à fala curitibana, enquanto à fala londrinense, 56,3%. Os julgamentos realizados pelos londrinenses apresentam percentuais mais significativos, pois foram atribuídos 71,5% de prestígio, ou atitude positiva, em direção ao falar curitibano e 63,2% ao falar londrinense.

Esse cenário permite inferir que o falante curitibano reage da mesma maneira frente aos dois falares, levando a acreditar que o preconceito por parte do julgador curitibano parece estar minimizado. Esse fenômeno pode ter sido motivado por diversos fatores, entre eles a maior mobilidade devido aos meios de transporte, a facilidade de convivência e comunicação, o intercâmbio de cultura por meio de diferentes mídias sociais e, até mesmo, ao aumento da escolaridade dos londrinenses.

A tabela 3, apresentada anteriormente, revela que 50% dos curitibanos consideram o londrinense escolarizado, ao passo que a mesma afirmação em relação aos curitibanos ocorre em 41,7% das respostas.

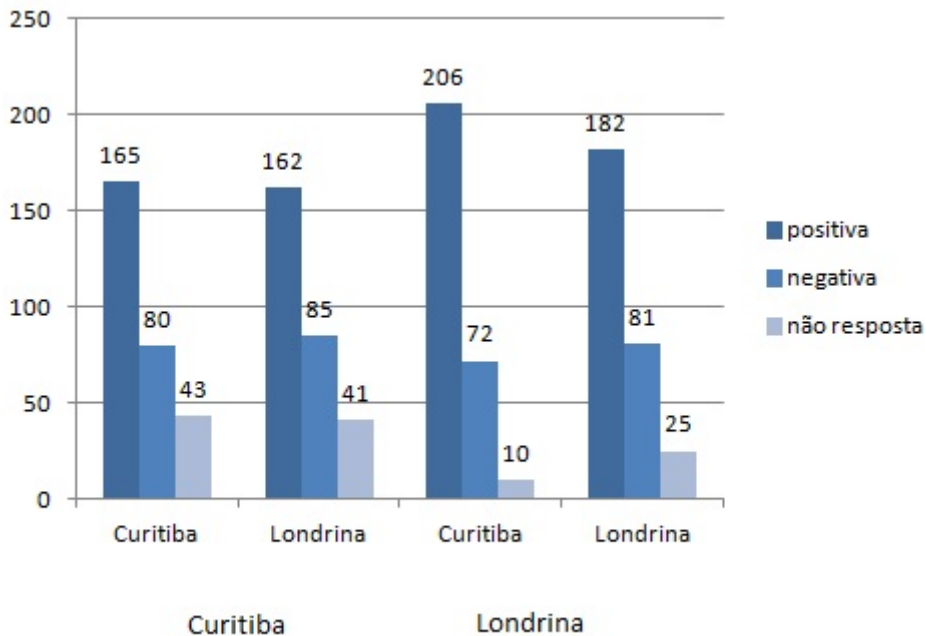
Já o falante londrinense atribui maior prestígio ao falar da capital em comparação ao próprio falar. A noção de prestígio linguístico é vinculada ao prestígio social, como afirma Condé (1998, p.1), isso explica o prestígio atribuído ao falar da capital em detrimento da representante do interior, especialmente do dialeto norte-paranaense que carrega o estereótipo de “caipira”.

Ao sustentarem essas crenças para com seu próprio dialeto, os londrinenses indicaram uma atitude negativa frente ao próprio falar que, segundo Calvet (2002, p.72) ocorre “quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso”.

Fato semelhante foi obtido por Botassini (2013), em sua tese, na qual buscou verificar as crenças e atitudes linguísticas de gaúchos, cariocas e maringenses (todos residentes no Norte do Paraná) em relação ao uso dos róticos em coda silábica. A pesquisadora concluiu que a atitude positiva foi direcionada ao falar gaúcho, enquanto, ao próprio falar verificou indícios de “desaprovação”.

O gráfico 4 resume a quantificação dos dados.

Gráfico 4 – Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a procedência dos julgadores



Fonte: *corpus* da pesquisa

O conjunto de barras à esquerda ilustra os julgamentos dos curitibanos acerca dos dialetos de Curitiba e Londrina, o conjunto de barras à direita ilustra os julgamentos dos londrinenses sobre os dialetos de Curitiba e Londrina.

Nota-se que os julgadores londrinenses reagem de forma mais positiva frente a ambos os falares. Os julgadores curitibanos também apresentam mais atitudes positivas que negativas, ainda que atribuam mais atitudes negativas que os londrinenses.

Como já mencionado, os julgadores estão estratificados em fatores como sexo, escolaridade e faixa etária. A partir dos cruzamentos de dados, é possível observar de que forma as variáveis sociais atuam nas atribuições de valores.

A tabela 9 apresenta a avaliação geral dos dialetos ouvidos segundo o sexo dos julgadores.

Tabela 9 – Avaliação dos dialetos ouvidos segundo o sexo dos julgadores

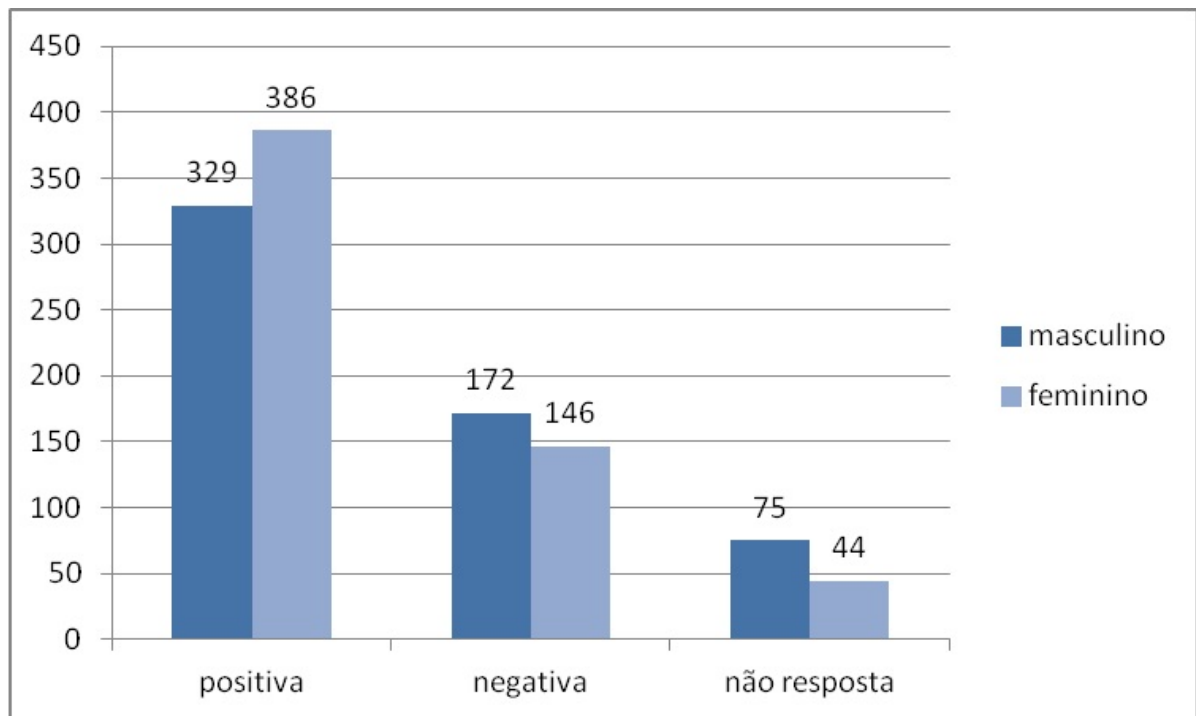
Sexo	Positiva		Negativa		Não resposta	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Masculino	329	57,1	172	29,9	75	13,0
Feminino	386	67,0	146	25,3	44	7,6

Fonte: *corpus* da pesquisa

A partir dos dados exibidos na tabela 9, nota-se que os percentuais das avaliações realizadas pelos informantes do sexo masculino e feminino a respeito dos dialetos de Curitiba e Londrina são próximos, atingindo, no máximo, 10% de diferença entre eles. Dessa forma, pode-se afirmar que o fator sexo não implicou diferenças muito significativas nos resultados das avaliações.

A atribuição de atitude positiva é a que apresentou quase 10% de diferença entre os sexos, sendo 57,1% por parte dos homens e 67% das mulheres, demonstrando que as mulheres têm a tendência a atribuir maior prestígio às variedades e são, assim, mais receptivas às variedades. A atitude negativa revelou dados ainda mais próximos, sendo 29,9% por parte dos homens e 25,3% pelas mulheres, apesar da pequena diferença, confirmando que os homens atribuem mais desprestígio às variedades. A não resposta ocorreu em 13% da fala dos homens e 7,6% da fala das mulheres, sugerindo que as mulheres se posicionam mais que os homens ao fazer julgamentos.

O gráfico 5 ilustra a situação.

Gráfico 5 – Avaliação dos dialetos ouvidos segundo o sexo dos julgadores

Fonte: *corpus* da pesquisa

No gráfico 5 estão dispostas as porcentagens das avaliações segundo o sexo dos julgadores. As barras em azul representam o sexo masculino e as barras em vermelho, o sexo feminino. Além do fator sexo, foram observadas as respostas segundo a escolaridade dos julgadores. Os dados encontram-se na tabela 10.

Tabela 10 – Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a escolaridade dos julgadores

Escolaridade	Positiva		Negativa		Não resposta	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Fundamental	252	65,6	104	27,1	28	7,3
Médio	230	59,9	96	25,0	58	15,1
Superior	233	60,7	118	30,7	33	8,6

Fonte: *corpus* da pesquisa

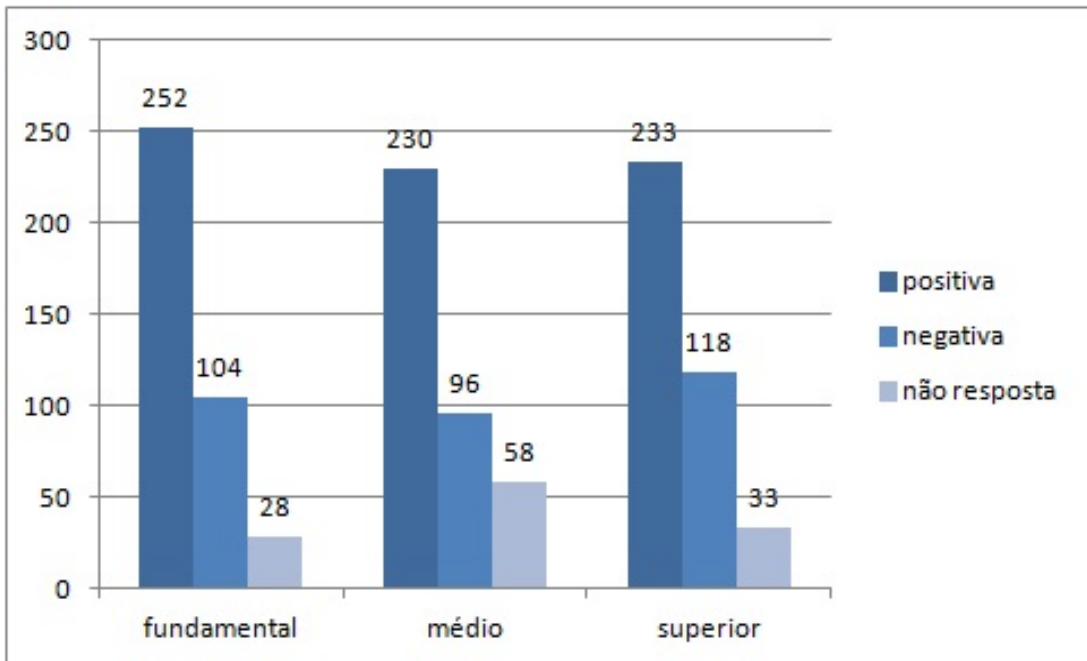
Assim como o fator sexo, o nível de escolaridade dos julgadores não se demonstrou significativo no condicionamento das respostas. Nota-se que há pouca diferença percentual entre as respostas dadas pelos informantes de nível fundamental, médio e superior.

O maior índice de avaliações positivas foi obtido por parte dos julgadores de nível fundamental, com 65,6%, ou seja, os informantes com pouca escolaridade atribuem maior prestígio às variedades. A diferença entre julgadores de nível médio e superior fica em torno de 1%, ou seja, 59,9%, 60,7%, respectivamente.

Vale ressaltar o percentual de *não respostas* apresentado, menos de 10% dos julgadores de ensino fundamental e superior não responderam, enquanto 15,1% dos de nível médio. A *não resposta* pode remeter a diferentes situações, como uma maneira de ocultar sua opinião evitando comprometimento, ou ainda, para não demonstrar preconceito.

O percentual das avaliações dos dialetos ouvidos segundo a escolaridade dos julgadores é ilustrado por meio do gráfico abaixo.

Gráfico 6 – Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a escolaridade dos julgadores



Fonte: *corpus* da pesquisa

Além de observar a importância dos fatores sexo e escolaridade no condicionamento das reações dos julgadores, verificou-se, também, a relevância da faixa etária dos julgadores. Os dados dessa tabulação são apresentados na tabela 11.

Tabela 11 – Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a faixa etária dos julgadores

Faixa etária	Positiva		Negativa		Não resposta	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
18 a 30	366	63,5	177	30,7	33	5,7
51 a 70	349	60,6	141	24,5	86	14,9

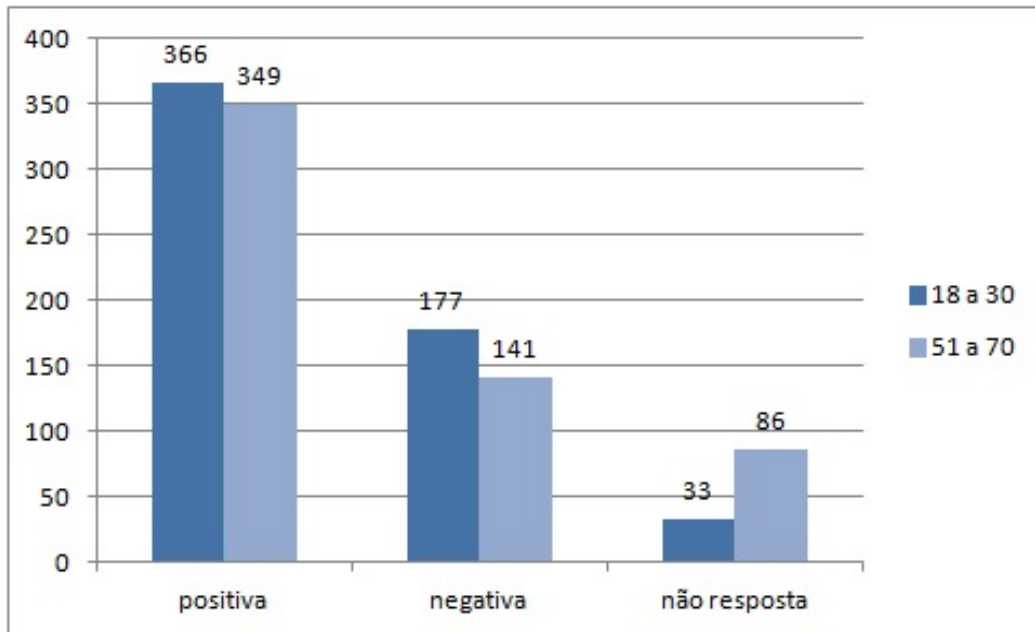
Fonte: *corpus* da pesquisa

A faixa etária, assim como os demais fatores sociais, não indicou diferença significativa no condicionamento das respostas, é possível verificar que os percentuais são bastante próximos.

A caracterização positiva ocorreu em 63,5% dos casos da faixa etária 1 (18 a 30 anos) e 60,6% de ocorrência na faixa etária 2 (51 a 70 anos). As atribuições negativas também obtiveram percentuais pouco díspares, sendo 30,7% para a faixa etária 1 (18 a 30 anos) e 24,5% para a faixa etária 2 (51 a 70 anos).

É fundamental ressaltar o percentual de *não resposta* obtido, apenas 5,7% de casos entre os julgadores da faixa etária 1 (18 a 30 anos), ao passo que 14,9% dos julgadores da faixa etária 2 (51 a 70 anos) preferiram não responder. Esse dado pode ilustrar que a faixa etária mais jovem tem uma atitude mais crítica frente às variedades, enquanto a faixa etária 2 (51 a 70 anos) se posiciona menos. Da mesma forma, os informantes da segunda faixa etária do estudo de Botassini (2013) se posicionaram menos, dados que parecem indicar que “os informantes com mais idade são menos severos em seu julgamento” (BOTASSINI, 2013, p. 186).

O gráfico 7 ilustra os dados apresentados.

Gráfico 7 – Avaliação dos dialetos ouvidos segundo a faixa etária dos julgadores

Fonte: *corpus* da pesquisa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de Sociolinguística e Crenças e Atitudes Linguísticas permitem compreender as tendências de reação, bem como o comportamento dos indivíduos no que concerne à sua variedade de fala e à dos outros, sendo eles motivados por elementos internos ou externos à língua.

Esta dissertação examinou as crenças e atitudes linguísticas de curitibanos e de londrinenses em relação à sua variedade e à variedade do outro. O trabalho contou com uma coleta de dados *in loco*. A fim de obter subsídios adequados ao tipo de pesquisa proposta, foi utilizado o método de medição indireta – uma adaptação da técnica *matched guise*. Para que todas as variáveis fossem analisadas de forma confiável, o trabalho contou com o auxílio de um programa computacional de análise estatística elaborado por Mendez Batista (2012).

O interesse em selecionar essas duas localidades como ponto de reflexão foi fundamentado no cenário linguístico-social apresentado, uma vez que o dialeto presente em Londrina sofre poucas influências do dialeto de sua capital, Curitiba. O mesmo ocorre com as relações socioculturais, pois Londrina é mais vinculada ao sul do estado de São Paulo do que à sua própria capital.

A análise verificou as reações dos julgadores em relação aos dois dialetos ouvidos. Do total de avaliações, 715 (62,1%) respostas foram positivas e 318 (27,6%) negativas. Além dessas avaliações, houve 119 casos (10,3%) de abstenções de respostas, ou porque os julgadores não souberam ou preferiram não responder. As avaliações positivas foram mais frequentes que as avaliações negativas e as não respostas juntas, indicando que os informantes avaliados tendem a reagir mais positivamente aos dialetos.

Sem observar a procedência dos julgadores, apesar de pequena diferença, o falar curitibano recebeu mais avaliações positivas, 64,4%, que o falar londrinense, 59,7%. Na avaliação negativa, o falar londrinense apresenta um percentual ligeiramente mais elevado, 28,8%, que o curitibano, 26,6%. Apesar de o percentual das avaliações dos dialetos apresentar uma diferença pequena, a preferência pelo dialeto curitibano em comparação ao londrinense é perceptível.

A atribuição de maior prestígio ao falar curitibano é decorrente do *status* social mais elevado que a capital apresenta em comparação a um município do interior. Isso ocorre porque o prestígio linguístico é estreitamente vinculado ao *status* social. Dessa forma, Curitiba, que possui maior *status* social que Londrina, detém, também, maior prestígio linguístico.

Os julgadores de Londrina efetuaram mais avaliações positivas, 67,4%, enquanto os curitibanos julgaram positivamente em 56,8% dos casos. Apesar de pequena diferença, as avaliações negativas foram mais realizadas pelos julgadores curitibanos, com 28,6% dos casos, contra 26,6% dos londrinenses. Os dados demonstram que o londrinense tende a reagir mais positivamente frente às variedades, são menos preconceituosos que os curitibanos ou, pelo menos, aceitam melhor as variedades. As não respostas merecem destaque, pois indicam que o falante londrinense se posiciona mais criticamente ao avaliar que o curitibano. Apenas 6,1% dos londrinenses não responderam, contra 14,6% dos curitibanos, sugerindo cuidado ao emitir apreciações.

Ao considerar a procedência dos julgadores, verificou-se que a reação dos julgadores curitibanos frente aos dois falares apresenta percentuais muito próximos. Foram atribuídos 57,3% de atitude positiva, ou prestígio, à fala curitibana, enquanto à fala londrinense, 56,3%. Já os julgamentos realizados pelos londrinenses apresentam percentuais mais significativos, pois foram atribuídos 71,5% de prestígio, ou atitude positiva, em direção ao falar curitibano e 63,2% ao falar londrinense.

Os dados demonstram que o falante curitibano reage da mesma maneira frente aos dois falares, levando a acreditar que o preconceito por parte do julgador curitibano parece ter diminuído. Ao sustentar uma atitude mais positiva frente ao falar do outro e menos positiva frente ao próprio falar, o falante londrinense demonstra considerar a variedade do outro um modelo dotado de maior prestígio.

No que diz respeito à variável sexo, os dados apontaram que as mulheres fizeram mais avaliações positivas que os homens, enquanto os homens fizeram mais avaliações negativas que as mulheres. As mulheres apresentaram um percentual menor de não resposta que os homens, sugerindo, assim, que elas se posicionam mais ao fazer julgamentos.

No que concerne ao grau de escolaridade, os resultados revelaram que os informantes com a escolaridade mínima, o ensino fundamental, atribuíram mais avaliações positivas que os informantes com ensino médio e superior. Já as não respostas foram mais produzidas pelos julgadores de ensino médio, demonstrando certa cautela ao fazer julgamentos.

A respeito da faixa etária dos julgadores, os dados revelaram que os informantes da faixa etária 1 (18 a 30 anos) realizaram mais avaliações positivas e negativas que os informantes da faixa etária 2 (51 a 70 anos). As não respostas foram mais frequentes na faixa etária 2 (51 a 70 anos). Dessa forma, foi possível observar que a faixa etária mais jovem tem uma atitude mais crítica frente às variedades.

Esta dissertação espera contribuir com as discussões acerca de crenças e atitudes linguísticas, mais especificamente nas localidades observadas, mas, também, com as discussões acerca do panorama histórico da linguística, os conceitos fundamentais da Sociolinguística e de Crenças e Atitudes linguísticas, pela síntese de alguns trabalhos do ramo e por meio da explicação da metodologia utilizada.

Os caminhos percorridos para a execução deste estudo permitiram sanar muitas dúvidas, mas, desencadearam muitas outras.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A distribuição dos róticos em coda silábica nos dados do Atlas Linguístico do Brasil PR: um estudo geosociolinguístico. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (org.). **Estudos em Fonética e Fonologia no Brasil**. Goiânia: GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL, 2009. p. 1-14.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Aspectos lingüísticos da fala londrinense**. Dissertação. Assis, 1987.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira? In.: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: Editora Federal Fluminense, 2008. p. 311-333.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Lingüísticos**. São Paulo, v. 2, 2008a. p. 105-112
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras – MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. In.: **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. n. 8. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2011. p. 125-142.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. In.: **Alfa**. São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-57942014000300703&script=sci_arttext Acesso em: 14.ago.2014.
- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolingüística. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (orgs.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. USFC, 2011.
- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. **Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem previa**. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- AMANCIO, Rosana Gemima. **As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. São Paulo: Hucitec, 1982 [1920].

AQUINO, Patrícia A. O **papel das vogais reduzidas pós-tônicas na construção de um sistema de síntese concatenativa para o português do Brasil**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, 1997.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BARBOSA, Adriana de Oliveira. **Brasilienses e a idéia do não-sotaque**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística aplicada e ensino de línguas. **Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, 2004. p. 123-156.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, 2001. p.71-97.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte. UFG, v.7, n.2, 2007. p;109-138.

BEM, Daryl Jay. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1973.

BERGAMASCHI, Maria C. Zandomenighi. **Bilinguismo de dialeto italiano-português: Atitudes linguísticas**. Rio Grande do Sul. Dissertação. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes, 2007.

BISOL, Leda. A neutralização das átonas. In.: **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, 2003. p.273-283.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com as línguas de contato em Foz do Iguaçu. In.: **Línguas e Letras**. Vol. 12, nº22, 2011. p.1060-1072.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná**. Tese. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e Atitudes Linguísticas quanto ao uso dos róticos. In: **Signum Estudos da Linguagem**. Revista do Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. Nº 12/1 Julho de 2009. Londrina: EDUEL, 2009, p. 85-102. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view>. Acesso em 14.ago.2014. p.85-102.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F (orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 41-47.

BUSSE, Sanimar; SELLA, Aparecida Feola. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná. In.: **Signum: estudos da linguagem**. Nº15/1, 2012. p.77-93.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2009.

CALVET, Jean-Louis. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística parte II. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2005.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 39ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 25ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História da linguística**. 7ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CARNIATO, Miriam Cristina. **A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar**. Dissertação. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2000.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. Revisitando Amadeu Amaral. In.: **Estudos Lingüísticos XXXV**. Unicamp, 2006.p.1937-1944.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Tradução de Carmén Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHOMSKY, M. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1975.

CONDÉ, V. G. . O conflito lingüístico na Galiza. In: **Anais do II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia**. Rio de Janeiro, 1998.

CORBARI, Clarice Cristina. **Atitudes Linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. Tese. Universidade Federal da Bahia, 2013.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COUTINHO, Humberto Puiggari. **Londrina: estado do Paraná**. São Paulo: Jubileu de Prata, 1959.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do português contemporâneo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Claudio de Assis. **O Léxico em Documentos Produzidos no Paraná – Brasil (séculos XVIII e XIX)**: abordagem lexicográfica. Tese. Universidade Estadual de Londrina/Ecole Doctorale Erasme da Université Paris 13, 2013.

DUBIELA, Mateus Renan. **A vogal /e/ átona final em falantes curitibanos**. Monografia. Universidade Federal do Paraná, 2013.

ELIA, Sílvio. **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Editora Padrão, 1987.

FÉLIX, Ademilde. **Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira na escola**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, José Carlos Vicente. **Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes**. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 2006.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**: Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

FUNDAÇÃO. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/historia-imigracao/208>
Acesso em: 26.jan.2014.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Márcia Nunes. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.

GÓMEZ MOLINA, José R. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia. **Anejo n.XXVIII dela Revista Cuadernos de Filología**. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HEAD, Franklin Brian. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “R Caipira”. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, n. 13, p.5-39, 1987.

HISTÓRIA da cidade. Disponível em:
http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=5. Acesso em: 25.jan.2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. Disponível em: www.ibge.gov.br Acesso em: 25.jan.2014.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, Wallace E. A Social Psychology of Bilingualism. In.: **Journal of social issues**. Vol. XXIII. n.º2, 1967.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social**. Tradução de Dante Moreira Leite. 4ª ed. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1975.

LEITE, Cândida Mara Brito. **Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LEITE, Cândida Mara Brito. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LENARD, Andrieta. **Lealdade lingüística em Rodeio (SC)**. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da lingüística moderna**. 5ªed. Tradução de Izidoro Bliksteins, José Paulo Paes e Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

LOPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madri: Gredos, 1993.

LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

MARTINS, Fernando. **Sobre porcos e pinhões**. s.a. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=872962>. Acesso em: 10.jul.2014.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

MARTINS, Romário. **Terra e Gente do Paraná**. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

MENDEZ BATISTA, Denerval. **Software para codificações automáticas de variáveis e para subsídio ao processo de análise dos dados**. Maringá-PR, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p.9-14.

MORALIS, Edileusa Gimenez. **Dialetos em contato: um estudo sobre as atitudes lingüísticas**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Princípios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

ORSI, Laura. Estereótipos y actitudes: similitudes y diferencias. In.: XV Congresso Internacional da ALFAL. **Anais**. Montevideú, 2008.

PARCERO, Lucia Maria de Jesus. **Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças.** Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

PASTORELLI, Daniele Silva. **Atitude linguística de falantes da cidade de Londrina-PR: positiva ou negativa?** Monografia. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

POLACHINI, Bruna Soares. **Considerações sobre o impacto da Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal (1660) no tratamento da sintaxe de gramáticas brasileiras do português do século XIX.** Disponível em: http://www.academia.edu/7100968/Artigo_Revista_Confluencia_Consideracoes_sobre_o_impacto_da_Grammaire_Generale_et_Raisonnee_de_Port-Royal_1660_no_tratamento_da_sintaxe_de_gramaticas_brasileiras_do_portugues_do_seculo_XIX. Acesso em: 05.ago.2014. p.296-316.

PROJETO Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato. Disponível em: <http://200.201.88.199/portalpos/index.php/letras-proj-pesquisa>. Acesso em: 08.jan.2015.

RAMOS, Jânia Martins. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. In.: **Revista de Estudos da Linguagem.** Belo horizonte, a.5, n.5, v.1, 1997. p. 103-135. Disponível em: <http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/05-Jania-Ramos.pdf>. Acesso em: 14.ago.2014.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente.** Dissertação. Universidade Estadual de Londrina, 2012.

ROSA, Maria Arlete. **Movimentos de bairros e trabalhadores: estratégias de lutas em Curitiba.** Guarapuava: Unicentro, 2012.

SANCHES, Rosely Áurea Soares. **Fotografias sociolingüísticas sob a óptica das atitudes lingüísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.** Dissertação. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2006.

SANTOS, Emmanoel. **Certo ou errado?** Atitudes e crenças no ensino de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** 26ª ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: 1995.

SECRETARIA do Estado de Turismo. Disponível em: <http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=77>. Acesso em: 11.jul.2014.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** 2ªed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa.** 6. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1992.

- SILVA, Hélen Cristina da. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões Norte e Central do Paraná**: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert. Monografia. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- SILVA, Hélen Cristina da. **O /r/ caipira no triângulo mineiro**: um estudo dialetológico de atitudes linguísticas. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina, 2012.
- SILVA, Susiele Marchry. **Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS**. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.73-102.
- SILVA-CORVALÁN, Carmem. **Sociolingüística**: teoria y análisis. Madri: Alhambra Universidad, 1989.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen; ENRIQUE-ARIAS, Andrés. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington, Georgetown University Press, 2001.
- SILVA-PORELI, Greize Alves da. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR**: um estudo das relações do português com línguas em contato. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.
- TASCA, Maria. **Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais**: o papel de fatores linguísticos e sociais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- TRESSMANN, Ismael. **Bilingüismo no Brasil: o caso da comunidade pomerana de Laranja da Terra**. Disponível em:
<http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20caso%20da%20Com.%20pomer.%20de%20LT.%201998.pdf>. Acesso em: 25.set.2014.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2009.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In.: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.

ANEXOS

ANEXO A
QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO - AVALIAÇÃO POSITIVA X NEGATIVA

DATA 05/09/2014
TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO PÁGINA 1

LIMITADORES: 06 - Dialeto ouvido
01) Curitibaano

QUESTÃO	TOTAL PERC.
---------	-------------

01 - Avaliação	
01) Positiva	371 64,4%
02) Negativa	152 26,4%
03) Não resposta	53 9,2%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS	48 100,0%
TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS	24 50,0%

ANEXO B
QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO - AVALIAÇÃO POSITIVA X NEGATIVA

DATA 05/09/2014		
TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO		PÁGINA 1

LIMITADORES: 06 - Dialeto ouvido		
02) Londrinense		

QUESTÃO	TOTAL PERC.	

01 - Avaliação		
01) Positiva	344 59,7%	
02) Negativa	166 28,8%	
03) Não resposta		66 11,5%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS	48 100,0%	
TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS	24 50,0%	

ANEXO C

QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO - AVALIAÇÃO POSITIVA X NEGATIVA

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

 LIMITADORES: 06 - Dialeto ouvido
 01) Curitibaano

QUESTÃO	TOTAL	PERC.	

01 - Avaliação			
01) Positiva	371	64,4%	
02) Negativa	152	26,4%	
03) Não resposta			53 9,2%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS	48	100,0%	
TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS	24	50,0%	

ANEXO D

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

 LIMITADORES: 06 - Dialeto ouvido
 02) Londrinense

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

344 59,7%

02) Negativa

166 28,8%

03) Não resposta

66 11,5%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

24 50,0%

ANEXO E

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

LIMITADORES: 04 - Faixa etária
01) de 18 a 30 anos

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

366 63,5%

02) Negativa

177 30,7%

03) Não resposta

33 5,7%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

24 50,0%

ANEXO F

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

LIMITADORES: 04 - Faixa etária
02) de 51 a 70 anos

QUESTÃO	TOTAL	PERC.

01 - Avaliação		
01) Positiva	349	60,6%
02) Negativa	141	24,5%
03) Não resposta	86	14,9%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS	48	100,0%
TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS	24	50,0%

ANEXO G

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

LIMITADORES: 02 - Procedência do informante

01) Curitiba

06 - Dialeto ouvido

01) Curitibano

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

165 57,3%

02) Negativa

80 27,8%

03) Não resposta

43 14,9%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

12 25,0%

ANEXO H

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

LIMITADORES: 02 - Procedência do informante

01) Curitiba

06 - Dialeto ouvido

02) Londrinense

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

162 56,3%

02) Negativa

85 29,5%

03) Não resposta

41 14,2%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

12 25,0%

ANEXO I

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

LIMITADORES: 02 - Procedência do informante

02) Londrina

06 - Dialeto ouvido

01) Curitibaano

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

206 71,5%

02) Negativa

72 25,0%

03) Não resposta

10 3,5%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

12 25,0%

ANEXO J

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

LIMITADORES: 02 - Procedência do informante

02) Londrina

06 - Dialeto ouvido

02) Londrinense

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

182 63,2%

02) Negativa

81 28,1%

03) Não resposta

25 8,7%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

12 25,0%

ANEXO L

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

 LIMITADORES: 02 - Procedência do informante
 01) Curitiba

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

327 56,8%

02) Negativa

165 28,6%

03) Não resposta

84 14,6%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

24 50,0%

ANEXO M

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

 LIMITADORES: 02 - Procedência do informante
 02) Londrina

 QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

388 67,4%

02) Negativa

153 26,6%

03) Não resposta

35 6,1%

 TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

24 50,0%

ANEXO N

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

LIMITADORES: 02 - Procedência do informante
01) Curitiba

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

327 56,8%

02) Negativa

165 28,6%

03) Não resposta

84 14,6%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

24 50,0%

ANEXO O

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA

05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

 LIMITADORES: 02 - Procedência do informante
 02) Londrina

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva

388 67,4%

02) Negativa

153 26,6%

03) Não resposta

35 6,1%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

24 50,0%

ANEXO P

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

 LIMITADORES: 03 - Sexo
 01) Masculino

QUESTÃO

TOTAL PERC.

01 - Avaliação

01) Positiva 329 57,1%

02) Negativa 172 29,9%

03) Não resposta 75 13,0%

 TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%

TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS

24 50,0%

ANEXO Q

Questionário Quantitativo - Avaliação Positiva x Negativa

DATA 05/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES C/ LIMITADOR DE UNIVERSO

PÁGINA 1

 LIMITADORES: 03 - Sexo
 02) Feminino

QUESTÃO	TOTAL	PERC.

01 - Avaliação		
01) Positiva	386	67,0%
02) Negativa	146	25,3%
03) Não resposta		44 7,6%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS	48	100,0%
TOTAL DE CASOS CONSIDERADOS	24	50,0%

ANEXO R
Questionário Quantitativo - Original

DATA 03/09/2014

TOTALIZAÇÃO SIMPLES

PÁGINA 1

QUESTÃO	TOTAL	PERC.
01 - A pessoa que você ouviu é inteligente		
01) Sim	31	64,6%
02) Não	13	27,1%
03) Não resposta	3	6,3%
04) Não respondeu	1	2,1%
02 - A pessoa que você ouviu é feia		
01) Sim	9	18,8%
02) Não	24	50,0%
03) Não resposta	4	8,3%
04) Não respondeu	11	22,9%
03 - A pessoa que você ouviu é estudada		
01) Sim	25	52,1%
02) Não	17	35,4%
03) Não resposta	6	12,5%
04) Não respondeu	0	0,0%
04 - A pessoa que você ouviu é cuidadosa		
01) Sim	33	68,8%
02) Não	9	18,8%
03) Não resposta	3	6,3%
04) Não respondeu	3	6,3%
05 - A pessoa que você ouviu é grossa		
01) Sim	7	14,6%
02) Não	36	75,0%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	5	10,4%
06 - A pessoa que você ouviu é trabalhadora		
01) Sim	38	79,2%
02) Não	5	10,4%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	5	10,4%
07 - A pessoa que você ouviu é confiável		
01) Sim	27	56,3%
02) Não	14	29,2%
03) Não resposta	2	4,2%
04) Não respondeu	5	10,4%
08 - A pessoa que você ouviu é responsável		
01) Sim	38	79,2%
02) Não	6	12,5%
03) Não resposta	1	2,1%
04) Não respondeu	3	6,3%
09 - A pessoa que você ouviu é preguiçosa		
01) Sim	9	18,8%

02) Não	37	77,1%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	2	4,2%
10 - A pessoa que você ouviu é insegura		
01) Sim	20	41,7%
02) Não	25	52,1%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	3	6,3%
11 - A pessoa que você ouviu é antipática		
01) Sim	11	22,9%
02) Não	31	64,6%
03) Não resposta	1	2,1%
04) Não respondeu	5	10,4%
12 - A pessoa que você ouviu é competente		
01) Sim	37	77,1%
02) Não	9	18,8%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	2	4,2%
13 - A pessoa que você ouviu é tímida		
01) Sim	20	41,7%
02) Não	24	50,0%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	4	8,3%
14 - A pessoa que você ouviu é respeitosa		
01) Sim	43	89,6%
02) Não	5	10,4%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	0	0,0%
15 - A pessoa que você ouviu é exibida		
01) Sim	11	22,9%
02) Não	34	70,8%
03) Não resposta	1	2,1%
04) Não respondeu	2	4,2%
16 - A pessoa que você ouviu é autoritária		
01) Sim	17	35,4%
02) Não	28	58,3%
03) Não resposta	1	2,1%
04) Não respondeu	2	4,2%
17 - A pessoa que você ouviu é engraçada		
01) Sim	17	35,4%
02) Não	28	58,3%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	3	6,3%
18 - A pessoa que você ouviu é criativa		
01) Sim	23	47,9%
02) Não	19	39,6%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	6	12,5%
19 - A pessoa que você ouviu ajuda se alguém precisa		
01) Sim	35	72,9%

02) Não	10	20,8%
03) Não resposta	1	2,1%
04) Não respondeu	2	4,2%
20 - A pessoa que você ouviu sofre preconceito social		
01) Sim	18	37,5%
02) Não	25	52,1%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	5	10,4%
21 - A pessoa que você ouviu tem boa cultura		
01) Sim	31	64,6%
02) Não	11	22,9%
03) Não resposta	2	4,2%
04) Não respondeu	4	8,3%
22 - A pessoa que você ouviu tem boa condição financeira		
01) Sim	21	43,8%
02) Não	16	33,3%
03) Não resposta	3	6,3%
04) Não respondeu	8	16,7%
23 - A pessoa que você ouviu tem posto de chefia		
01) Sim	14	29,2%
02) Não	26	54,2%
03) Não resposta	3	6,3%
04) Não respondeu	5	10,4%
24 - A pessoa que você ouviu sente gosta de falar assim		
01) Sim	27	56,3%
02) Não	19	39,6%
03) Não resposta	0	0,0%
04) Não respondeu	2	4,2%
25 - Procedência do informante		
01) Curitiba	24	50,0%
02) Londrina	24	50,0%
26 - Sexo		
01) Masculino	24	50,0%
02) Feminino	24	50,0%
27 - Faixa etária		
01) de 18 a 30 anos	24	50,0%
02) de 51 a 70 anos	24	50,0%
28 - Escolaridade		
01) Fundamental	16	33,3%
02) Não resposta	16	33,3%
03) Superior	16	33,3%
29 - Dialeto ouvido		
01) Curitibano	24	50,0%
02) Londrinense	24	50,0%

TOTAL DE CASOS CADASTRADOS

48 100,0%